

**As Tecnologias da Informação e da Comunicação como
contributo para a abordagem do programa de Português no
10º ano: O texto transacional e o texto literário**

José Henrique Martins de Paiva

Lisboa, 2014

**Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa:
Investigação e Ensino**

**As Tecnologias da Informação e da Comunicação como
contributo para a abordagem do programa de Português no
10º ano: O texto transacional e o texto literário**

José Henrique Martins de Paiva (1101989)

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Estudos de
Língua Portuguesa: Investigação e Ensino

Orientadora: Professora Doutora
Helena Bárbara Marques Dias

Lisboa, 2014

Resumo

O presente trabalho tem como ponto de focalização as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação)¹ inseridas na exploração do programa de Português 10º ano.

Uma vez que a utilização das tecnologias é comumente aceite pelas várias gerações, sobretudo uma exigência dos jovens, é importante enquadrá-las nos diferentes anos de ensino e perceber a forma como estão a ser utilizadas na concretização dos conteúdos programáticos, neste caso no 10º ano. Este é o início de um percurso que ditará a possibilidade de cada aluno escolher o seu futuro, daí que o papel da escola e em particular do professor de Português seja o de grande impulsionador para o gosto pelo processo de ensino e de aprendizagem.

O trabalho pretende, pois, refletir sobre as diferentes ferramentas de que os alunos dispõem para encararem todo o processo e a forma como o professor as utiliza. O principal destaque vai para o manual adotado, e o modo como a partir dele se pode potenciar o uso das tecnologias, cativando assim os alunos, tarefa árdua com que o professor se debate no dia a dia.

Nesta perspetiva, e partindo do programa da disciplina de Português é traçado um percurso das TIC na educação, no contexto nacional, destacando a importância que o computador e o quadro interativo têm no ensino e em particular no âmbito desta disciplina. Para tal, são analisados projetos disponibilizados por diferentes editoras que têm como centro o manual e que orienta o trabalho a desenvolver na disciplina e apresentadas sugestões de abordagem das TIC envolvendo as tipologias de textos trabalhados no 10º ano, sejam do domínio transacional e educativo, sejam de cariz literário.

Palavras-chave: Português, ensino-aprendizagem, 10º ano, TIC, computador

¹ “O termo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) refere-se à conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente na *World Wide Web* (WWW) a sua mais forte expressão” (Miranda, 2007: 43).

Abstract

The focus of the present work is the ICT (information and communication technologies)² included in the study of the Portuguese 10th grade programme.

Since the use of technologies is commonly accepted by several generations, largely a requirement of the young, it is important to structure them in different years of study and understand how they are being used in the achievement of syllabus, in this case in 10th grade. This is the beginning of a journey that will lead each student to choose his/her future as far as studies are concerned, hence the role of school and in particular the Portuguese teacher as the utmost highlighter to entice students' taste for the learning process.

This work therefore aims at reflecting on the diversity of tools that students have to consider when approaching the whole process and the way the teacher makes use of them. The main highlight goes to the adopted book and how the use of technologies can be enlarged by drawing students' attention, a demanding task the teacher struggles on a daily basis.

In this perspective, and taking into consideration the Portuguese programme, a journey to the ICT in education at a national level is drawn, highlighting the importance that the computer and the interactive whiteboard have in the teaching process, particularly as far as this subject is concerned. Therefore, an analysis is done on projects provided by different publishers whose main focus is on the book and which provide guidelines to the development of work within the subject. Furthermore, suggestions for the ICT approach involving different texts typologies dealt in the 10th grade will be presented, in the transactional, educational and literary domain.

Keywords: Portuguese, teaching and learning, 10th grade, ICT, computer

² "The term Information and Communication Technologies (ICT) refers to the combination of computer technology or information technology and telecommunications technology of which the Internet, namely the World Wide Web (WWW) has its strongest expression." (Miranda, 2007: 43).

Dedicatória

À Maria Elisabete B.J. Paiva

À Eva Maria de Jesus Paiva

Ao Diogo Henrique de Jesus Paiva

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Helena Bárbara Marques Dias, porque acreditou em mim e no meu projeto desde o primeiro instante e, sobretudo, pela colaboração e compreensão que me dispensou em todos os momentos.

Obrigado!

Índice

Resumo	III
Abstract	IV
Dedicatória	V
Agradecimentos	VI
Introdução	1
Capítulo I – As TIC e a Educação: Percurso no Contexto Nacional	3
Capítulo II – As TIC no Processo de ensino e de aprendizagem do Português	11
1. Computador	12
2. Quadro interativo	13
Capítulo III – Análise dos manuais escolares disponíveis para o 10º ano de Português	19
1. Manuais adotados	24
Capítulo IV – Sugestões de abordagem	33
1. Textos do domínio transaccional e educativo	34
1.1. Declaração	36
1.2. Requerimento	39
1.3. Contrato	42
1.4. Regulamento	45
1.5. Relatório	47
1.6. Verbetes de dicionários e enciclopédias	50
1.7. Artigos científicos e técnicos	50
2. Textos literários	52
2.1. Autobiográficos	52
2.1.1. Diário	53
2.1.2. Memória	54
2.1.3. Carta.....	55
2.1.4. Autorretrato	58
2.2. Líricos	60
2.2.1. Poesia camoniana	61
2.2.1.1. Vida e obra de Camões	61

2.2.1.2. Influências na lírica camoniana	66
a) Influência tradicional na lírica camoniana	66
b) Influência clássica renascentista na lírica camoniana	67
2.2.2. Poetas do século XX	70
2.2.2.1. Proposta de trabalho em torno de um poema de Miguel Torga – “Confiança”	71
2.3. Contos (autores do século XX)	75
Capítulo V – Conclusão	79
Referências bibliográficas	81

Introdução

As TIC parecem ser uma das fontes de inesgotável exploração, dado que tudo, hoje em dia, se pode realizar, utilizando meios que facilmente estão ao nosso dispor. Ultrapassado algum fulgor com a modernização das escolas e a posse de um computador com acesso à internet, as TIC continuam a ter um manancial de exploração muito amplo, sobretudo se as usarmos adequadamente servindo os intentos do processo de ensino e aprendizagem junto dos alunos.

Numa outra perspetiva, a possibilidade de explorar esta temática surge intimamente ligada com o plano de estudos do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino.

Ademais, o que motivou a elaboração deste estudo que nos propomos levar a cabo resulta, essencialmente, da curiosidade. Cientes, no entanto, de que a análise aqui levada a cabo, no âmbito do programa de 10º ano, representará a abertura de muitas outras possibilidades para enquadrar as tecnologias nos programas de português.

De facto, as Tecnologias da Informação e da Comunicação contemplam uma terminologia específica, nem sempre fácil de descortinar, para além de que alguns dos conceitos surgem noutras línguas e ao importá-los corre-se o risco de alguma desadequação.

A divisão em capítulos por que optámos, obedecendo, globalmente, à linha de análise proposta no plano inicial do trabalho, procura observar esta relação entre as tecnologias, o ensino da língua e a sua aprendizagem, procedendo a esta globalizante abordagem por considerarmos que o tema potencia tais reflexões.

Assim, num primeiro momento traça-se a importância que as TIC têm no atual contexto nacional educativo. Numa era em que dependemos de um simples “clique” para quase tudo, e em que o contacto é feito em muitas situações com base na internet, cabe à escola a tarefa de divulgar, orientar e ajudar a manipular de forma conscienciosa e profícua de modo a que deixe marcas para a vida, sobretudo de forma positiva. O papel que o Plano Nacional Tecnológico teve e as ferramentas cognitivas a ele associadas têm dado, inquestionavelmente, frutos nos nossos jovens já no ativo e em várias partes do globo, a que esta situação de crise tem obrigado. Portanto, fortalecer o seu manuseio no dia a dia torna-se uma tarefa de todos para uma eficaz preparação.

O segundo capítulo apresenta uma reflexão que parte da leitura do programa da disciplina de Português para inventariar a utilidade das TIC e a respetiva utilização

baseada no computador e quadro interativo no espaço da sala de aula. A aprendizagem continua a envolver alunos e professor fora do espaço da sala de aula; para isso os dispositivos móveis são um excelente contributo, basta motivar os discentes, também, para a sua utilização ao serviço de diferentes conteúdos, sobretudo o da leitura e o da escrita.

No terceiro capítulo discorre-se sobre alguns dos manuais disponíveis no mercado e utilizados pelos alunos na disciplina de Português 10º ano, fazendo-se uma reflexão sobre a sua organização e tratamento dos conteúdos programáticos.

O quarto capítulo culmina precisamente com uma análise mais pormenorizada dos mecanismos que promovem uma utilização das TIC no atual programa da disciplina de Português no 10º ano. Para tal, a base teórica anteriormente explorada e o conhecimento de diferentes tipologias textuais literárias ou não literárias materializam diferentes sugestões para um percurso a implementar na lecionação deste nível de ensino.

Capítulo I – As TIC e a Educação: Percurso no Contexto Nacional

A sociedade caracteriza-se por estar sempre em mudança, exigindo, por isso, um enorme desafio do sistema educativo. Assim, as TIC constituem instrumentos fundamentais para a educação e para a formação ao longo da vida, presentes desde as grandes multinacionais às pequenas empresas, das instituições públicas aos estabelecimentos de ensino e até às nossas casas, pois dão acesso a conhecimentos e oferecem soluções individuais. As TIC permitem que a educação e a formação ocorram em qualquer sítio, conjugando diferentes obrigações.

A criatividade humana para o desenvolvimento tecnológico tem-nos acompanhado desde o início dos tempos, obviamente implicando a respetiva adequação, mas evoluindo de acordo com as necessidades do Homem. Hoje, as Tecnologias de Informação e Comunicação transformam o contexto social, reestruturando o modo como pensamos, adquirimos conhecimentos e nos relacionamos uns com os outros, seja de forma positiva, seja de forma negativa.

Assim, nas escolas, não podemos trabalhar o currículo de cada disciplina apenas como forma de transmissão de conhecimentos, sobretudo quando muitos desses conhecimentos são obsoletos e sem sentido para os alunos e para a melhoria da sua qualidade de vida e da sociedade em que vivem. O paradigma não é extrair conhecimento dos livros, mas como extrair conhecimento de livros, de imagens, de sons, de vídeos, criando-se situações propícias a uma “aprendizagem eficaz” (Okada, 2009: 60) e possibilitando-se a “construção coletiva do conhecimento” (*idem*).

É deste modo que, estando as tecnologias ao serviço de professores e alunos, é possível trazer a «cultura digital» à escola e aproveitá-la para a criação de um currículo mais aberto e flexível. Naturalmente que ignorar o currículo mais formal é inaceitável, mas trabalhar com os hipermedia significa trabalhar com informações mais atuais e em tempo real.

Importante, também, é a utilização pelos professores das ferramentas disponibilizadas pela *Web 2.0*³, “que por si só geram um maior interesse na aprendizagem” (Cruz & Carvalho, 2009: 5), colocam à sua disposição e serviço, “um conjunto de espaços que propiciam a realização de aprendizagens e que têm de ser

³ O termo *Web 2.0* surgiu em 2004 através da empresa americana de media O'Reilly Media, Inc. (inicialmente designada por O'Reilly & Associates), criada por Tim O'Reilly (O'Reilly, 2005). As páginas construídas segundo os princípios associados à *Web 2.0*, possibilitam não só o acesso à informação como a interação dos utilizadores, permitindo que estes alterem conteúdos.

geridos de forma que a escola possa manter-se na lista de interesses dos alunos” (Valente, Moreira & Dias, 2009: 48). Para além disso, a *Web 2.0* torna o ambiente *online* mais dinâmico e faz com que os usuários colaborem para a organização de conteúdo. Dentro desse contexto a *Wikipedia*⁴ faz parte dessa nova geração, além de diversos serviços *online* interligados, como oferecido pelo *Windows Live*, que integra ferramentas de busca, *email*, comunicador instantâneo, programas de segurança..., ainda, muitos *sites* deixaram de ser estruturas rígidas e estáticas e passaram a ser plataformas onde pessoas podem contribuir com o seu conhecimento para o benefício de outros utilizadores e visitantes. Portanto, a *Web 2.0* potencia e facilita a obtenção de conhecimento, tendo um enorme impacto na educação.

Assim, apesar de alguma aparente banalização, a escola beneficia bastante dos avanços das tecnologias digitais não apenas pelo preço cada vez mais baixo dos equipamentos, mas também pelo contributo do Plano Tecnológico da Educação (PTE). De facto, este foi lançado pelo, então, Primeiro-Ministro José Sócrates durante a cerimónia de apresentação, realizada no dia 23 de julho de 2007, no Centro Cultural de Belém. Aí foi dito que o Plano “é para todas as escolas, para modernizar o nosso sistema e para o pôr ao serviço de um país desenvolvido, de um país ambicioso e de um país que quer dar mais aos seus cidadãos.”⁵.

O PTE parte de um estudo de diagnóstico efetuado, identificando quatro eixos chave de atuação — “«Tecnologia», «Conteúdos», «Formação» e «Investimento e Financiamento». Estas áreas de atuação são interdependentes, pelo que uma atuação não coordenada limitará não só a rapidez dos resultados, como também o sucesso das iniciativas. O plano de modernização tecnológica está estruturado em torno destes quatro eixos e define mecanismos de intervenção coerente e concertada entre todos eles.” (Ministério da Educação, 2008:16).

Seguem-se cinco esquemas / figuras que ilustram o trabalho a realizar nas escolas e que são hoje uma realidade:

⁴ “Enciclopédia *online* multilingue, lançada a 15 de janeiro de 2001. A edição em língua portuguesa foi lançada em junho de 2001, e foi a quinta versão da história da *Wikipedia*; atualmente, esta é a oitava edição em termos de conteúdo, contando já com perto de 274 mil artigos diferentes.” (*Infopedia*)

⁵ Palavras transcritas do vídeo (<http://videos.sapo.pt/cZijLteZwfAJgBdZUYqS>), consultado em 03 de março de 2014.



Figura 1, *Plano Tecnológico da Educação*, 16

Figura n.º 7

Eixos de actuação e principais projectos do Plano Tecnológico da Educação

Tecnologia	Conteúdos	Formação	
Kit Tecnológico Escola	Mais-Escola.pt	Formação e Certificação de Competências TIC	
Internet em banda larga de alta velocidade			
Internet nas salas de aula (Redes de área local)	Escola Simplex	Avaliação electrónica	
Cartão electrónico do aluno			
Videovigilância			
Investimento e Financiamento	Financiamento comunitário	Fundo para a inclusão na educação	Mecenato tecnológico

Figura 2, *Plano Tecnológico da Educação*, 17

Figura n.º 8

Projectos a implementar no eixo de actuação «Tecnologia»

Eixo de Actuação	A	Tecnologia
Áreas de Intervenção		<p>Computadores</p> <p>Equipamento de apoio</p> <p>Conectividade</p> <p>Redes de área local</p> <p>Cartões de aluno</p> <p>Sistemas de segurança electrónicos</p> <p>Apoio técnico às escolas</p>
Projectos	Projectos-Chave	
	<p>Kit Tecnológico Escola Aumento do número de computadores e de equipamento de apoio Aumento da disponibilidade e dos equipamentos para utilização fora dos períodos de aula</p> <p>Internet de Banda Larga de Alta Velocidade Revisão do modelo de conectividade</p> <p>Internet nas Salas de Aula Reestruturação das redes de área local</p> <p>Cartão Electrónico do Aluno Generalização da utilização de plataformas de cartão de aluno</p> <p>Videovigilância Generalização da utilização de sistemas de segurança electrónicos</p>	
	Outros Projectos	
	Centro de Apoio Tecnológico às Escolas	

Figura 3, Plano Tecnológico da Educação, 18

Figura n.º 14

Projectos a implementar no eixo de actuação «Conteúdos»

Eixo de Actuação	B	Conteúdos
Áreas de Intervenção		<p>Produção e partilha de conteúdos</p> <p>Produção e partilha de aplicações de gestão</p> <p>Certificação de conteúdos e aplicações</p> <p>Informatização de manuais escolares</p> <p>Software open-source</p>
Projectos	Projectos-Chave	
	<p>Mais-Escola.pt Portal da escola com funcionalidades de partilha de conteúdos, ensino a distância e colaboração</p> <p>Escola Simplex Plataforma electrónica de apoio à gestão</p>	
	Outros Projectos	
	<p>Manuais escolares electrónicos Disponibilização de manuais escolares e de conteúdos em formato electrónico Incentivo à utilização de manuais e conteúdos informáticos</p> <p>Plataforma de comunicação electrónica integrada Generalização da utilização de ferramentas de comunicação em suporte informático entre os agentes da comunidade educativa</p>	

Figura 4, Plano Tecnológico da Educação, 30

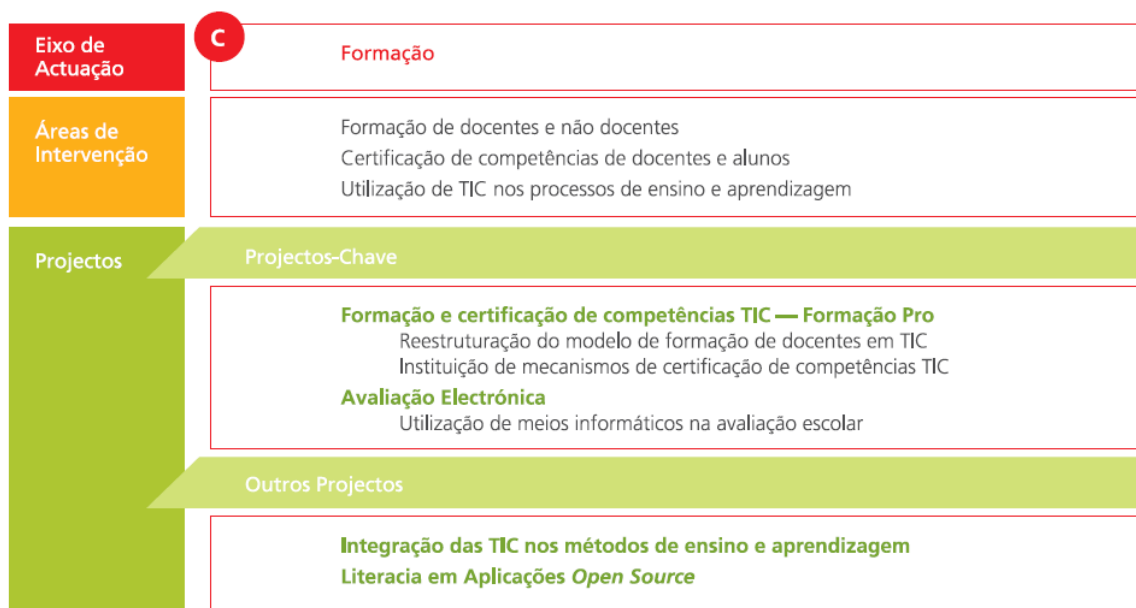


Figura 5, *Plano Tecnológico da Educação*, 37

O grande objetivo deste programa era colocar Portugal no conjunto dos cinco países europeus mais avançados em matéria de modernização tecnológica do ensino até 2010, tendo sido, entretanto, aprovado em setembro de 2007 pelo Governo Português.

O Plano Tecnológico da Educação interliga de forma integrada e coerente um esforço ímpar na infraestruturização tecnológica das escolas, na disponibilização de conteúdos e serviços em linha e no reforço das competências TIC de alunos, docentes e não docentes.”⁶

O ensino, atualmente, gira em torno do aluno e da sua aprendizagem, estes são os verdadeiros alvos, quer ao nível dos métodos, dos processos, dos conteúdos e dos próprios ambientes de aprendizagem, É devido às novas tecnologias que se tem assistido a mudanças ao nível das práticas educativas e pedagógicas, na sequência do que foi a prática de ensino durante a Era Industrial (Castells, 2004) e da qual ainda não nos afastamos totalmente. São, na realidade, mudanças que têm implicado grandes revoluções dentro da sala de aula, ao ponto de ser pertinente a afirmação “como todas as grandes revoluções da Humanidade, também esta arrasta esperanças e receios, mas sobretudo incertezas” (Marques, 1998:11).

⁶ Cit. in <http://www.pte.gov.pt/pte/PT/OPTE/index.htm>, consultado a 28 de setembro de 2013.

Nesta perspectiva, a utilização do computador e das novas tecnologias em sala de aula oferecem inúmeras possibilidades de centrar todo o processo de ensino e de aprendizagem em torno do aluno e da evolução que este fará em cada ano, porquanto “é hoje universalmente aceite a ideia de que uma sociedade em mutação permanente só pode aceitar uma escola em mutação também permanente” (Pinto, 2002: 14).

Neste âmbito, é fundamental que se coloquem ao serviço da educação um conjunto de ferramentas cognitivas de modo a fomentarem e a promoverem o pensamento diversificado nos alunos. Estes aprendem pensando de forma significativa, “sendo o pensamento ativado por atividades que podem ser proporcionadas por computadores ou por professores” (Jonassen, 2007: 15). A construção do saber implica fazer, ora os alunos ao representarem o que sabem através das diferentes ferramentas cognitivas estão a pensar.

Ferramentas cognitivas são, assim, “aplicações informáticas que exigem que os alunos pensem de forma significativa de modo a usarem a aplicação para representar o que sabem” (Jonassen, 2007: 15). É fundamental, portanto, que os alunos reúnam e construam o conhecimento; ao fazê-lo com a ajuda do computador, potenciam as características deste e, a partir dele, o pensamento e a aprendizagem dos alunos sai reforçada.

Nesta perspectiva, as TIC tornaram-se uma importante força motriz da vida quotidiana, da atividade económica e, muito em concreto, do dia a dia da escola. O computador é usado, hoje, para um conjunto variado de fins. Sobretudo para a geração mais nova utilizar um computador é uma atividade habitual.

A integração de computadores na esfera da educação espelha estas tendências. Durante os últimos 15 anos, os educadores têm vindo a centrar-se cada vez mais em introduzir as TIC na sala de aula e em usá-las em contexto de ensino-aprendizagem. O sucesso relativamente à utilização de computadores, em contextos educativos, depende não só da sua disponibilidade, mas também da familiaridade dos utilizadores em relação aos mesmos e em relação ao acesso à Internet.

O aluno sentir-se-á motivado se tudo à sua volta estiver organizado, *modus faciendi* da escola, organização na sala de aula, acreditar na sua inteligência e autoeficácia, controlar a ansiedade, enfim acreditar na capacidade do êxito.

Neste contexto, o professor deve manter-se bem informado, diz-nos Perrenoud (2000) que é preciso saber para ensinar bem. Numa sociedade em que o conhecimento está cada vez mais acessível, o professor deve usar de algumas habilidades, das quais se

destacam o organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão da aprendizagem, mobilizar o trabalhar em equipa, utilizar novas tecnologias. A situação mantém-se. O aluno, para aprender e interiorizar o funcionamento do Português corretamente, pode, através das TIC, desenvolver as suas capacidades e com isso aumentar os níveis de confiança, tornando-se, a cada passo, um aluno melhor e motivado para a aprendizagem.

Na Dissertação de mestrado, *A utilização das TIC em sala de aula: contributo para melhorar a motivação dos alunos*, de Maria Sílvia Ferreira Dias Correia Moniz Lemos, pode ler-se logo na introdução:

Os resultados alcançados mostram que a utilização das TIC suscita nos alunos uma alteração nas suas atitudes e comportamentos face à aprendizagem. A análise dos dados revela uma melhoria da concentração, da organização, do empenho, da participação e do interesse dos alunos pelo trabalho desenvolvido em sala de aula após a introdução das tecnologias. A aprendizagem com recurso às TIC aumenta a motivação dos alunos. (Lemos: 2011).

É, pois, com esta mesma convicção que é desenvolvida a presente Dissertação, buscando sempre as melhores estratégias para manter estudantes motivados e empenhados na aprendizagem da Língua Portuguesa ao longo da escolaridade obrigatória.

Capítulo II – As TIC no Processo de ensino e de aprendizagem do Português

A disciplina de Português consta da formação geral dos cursos científico-humanísticos do ensino secundário, disciplina que abrange os três anos do secundário, e em que o grande objetivo passa pela aquisição de conhecimentos que permitam capacitar os jovens para a reflexão e para o uso da língua materna. Assim, os alunos devem aprofundar a consciência metalinguística e adotar referências linguísticas que sirvam o universo de reflexão de modo a:

“incentivar uma comunicação oral e escrita eficaz, preparando a inserção plena do aluno na vida social e profissional, promovendo a educação para a cidadania, contribuindo para a formação de um bom utilizador da língua, habilitando-o a ser um comunicador com sucesso e um conhecedor do seu modo de funcionamento, sujeito que se estrutura, que constrói a sua identidade através da linguagem para poder agir com e sobre os outros, interagindo.” (Seixas, 2001: 2)

A escola, a família, a sociedade em geral, tendem a educar para que os alunos saibam agir entre interlocutores, seja na escrita, seja na oralidade, tendo em conta os diferentes contextos comunicativos e a valorização das diferentes estratégias de comunicação. É, pois, neste contexto que se reveste de enorme significado tudo o que contribua para a valorização do aluno, situação prevista no programa de Português que:

“valoriza o exercício do pensamento reflexivo pela importância de que se reveste no desenvolvimento de valores, capacidades e competências decorrentes do processo de ensino formal, atribuindo à escola a função de incrementar a capacidade de compreensão e expressão oral e escrita do aluno.” (Seixas, 2001: 2,3).

As TIC constituem um importante meio para aprender na sociedade da informação onde se exige uma contínua consolidação e atualização dos conhecimentos de modo a que cada ser humano construa os seus saberes, aptidões e a capacidade de discernir e agir. O aluno transporta consigo a imagem de um mundo, real ou fictício, que ultrapassa em muito os limites da família e da sua comunidade, podendo entrar, por vezes em contradição com o que se aprende na escola. De facto, as mensagens, lúdicas, informativas, publicitárias..., visualizadas e apreendidas através dos meios de comunicação social são mais simples, uma vez que não exigem esforço, situação que não acontece na escola, onde perante um ensino formal têm que evidenciar capacidades de trabalho para obterem os resultados pretendidos por cada um.

É para o sucesso e realização de todos os alunos que a escola tem que fornecer as “chaves para uma compreensão verdadeira da sociedade de informação.” (Coelho,

1997:39). A sala de aula será o espaço onde o professor deverá “construir o conhecimento, atitudes e valores e adquirir competências” (*idem*), utilizando todos os meios ao seu dispor para alargar horizontes e deixar bases para um processo de aprendizagem ao longo da vida, num mundo cada vez mais global e exigente.

O professor da disciplina de Português dispõe, para o exercício da sua função na sala de aula, de alguns materiais que ajudam a materializar os conteúdos propostos pelo programa e que facilitarão a sua apreensão pelos alunos, bem como, a partir dali, motivá-los para a aprendizagem autónoma e alargamento de horizontes. Assim, para além dos tradicionais materiais, como o manual adotado, o caderno diário do aluno e o tradicional quadro, as salas dispõem, ainda, na sua maioria, do computador e do quadro interativo. É com estes dois últimos que o professor desenvolverá diferentes estratégias na sala de aula e envolverá os alunos num trabalho proativo.

1. Computador

As tecnologias são parceiras do professor no processo educativo. De facto, elas “podem apoiar a construção de significados por parte dos alunos” (Jonassen, 2007:21). O computador é, pois, essencial na sala de aula, mas também para o trabalho individual do aluno.

Hoje, o computador permite a utilização de vários materiais na sala de aula, quer pelos recursos disponibilizados pelas editoras que acompanham os manuais, quer pela facilidade com que se acede à Internet.

A comodidade de divulgação através do projetor ou quadro interativo permite o acompanhamento em simultâneo por todos os alunos. Deste modo, “aprender com os computadores significa usar o computador como uma ferramenta com a qual se aprende. [...] são ferramentas de produtividade essenciais para as salas de aula e devem ser usadas sempre que facilitem o trabalho do aluno.” (*idem*: 28).

A este propósito, na obra *Computadores, Ferramentas cognitivas*, de Jonassen, página 21, ilustra-se a importância dos computadores da seguinte forma:

- “Os computadores apoiam a construção de conhecimentos ao permitirem:
 - representar as ideias, as perceções e as convicções dos próprios alunos;
 - produzir bases de conhecimento multimédia organizadas pelos próprios alunos.
- Os computadores apoiam a exploração ao permitirem:

- aceder à informação necessária;
- comparar perspetivas, convicções e visões do mundo.
- Os computadores apoiam a aprendizagem pela prática ao permitirem:
 - simular problemas, situações e contextos significativos do mundo real;
 - representar convicções, perspetivas, argumentos e histórias de outros;
 - um espaço seguro, controlado e estimulante para o pensamento do aluno.
- Os computadores apoiam a aprendizagem pela conversação ao permitirem:
 - colaborar com os outros;
 - discutir, defender ideias e construir consensos entre membros de uma comunidade de aprendizagem;
 - construir o conhecimento em comunidade.
- Os computadores são parceiros intelectuais que apoiam a aprendizagem pela reflexão ao permitirem:
 - articular e representar o que os alunos sabem;
 - refletir sobre o que aprenderam e como o fizeram;
 - estimular as negociações internas dos alunos e a construção de significados;
 - construir representações pessoais dos significados;
 - desenvolver o pensamento cognitivo.” (Jonassen, 2007:21)

Os computadores tornam-se, assim, ferramentas que permitem uma abordagem construtivista, estimulando os alunos na reflexão, manipulação e representação sobre o que sabem, construindo cada um, o conhecimento em vez de reproduzirem a informação feita pelo professor. “Os alunos têm de pensar sobre o que o professor lhes diz e interpretá-lo de acordo com as suas experiências, convicções e conhecimentos.” (*idem*, 24).

2. Quadro interativo

O quadro interativo é um dispositivo eletrónico de apresentação ligado a um computador, permitindo que este através de um projetor digital apresente ou manipule informação. Deste modo, permite aos utilizadores, professor ou alunos, controlar o *software* no computador ou no próprio quadro, adicionar notas ou clarificar alguns pontos, usando, para tal, as canetas próprias do quadro, permitindo, no final, guardar ou imprimir os exercícios entretanto realizados.

Para Mary Ann Bell (2002), professora na Sam Houston State University em Huntsville, Texas, o uso do quadro interativo tem muitas vantagens. A autora destaca doze razões para o seu uso, com as quais me identifico:

2. “O quadro eletrônico interativo é excelente para apresentações, tanto a nível, empresarial, como educacional. Em contexto de sala de aula, é uma ferramenta bastante prática.
3. Dado que é uma ferramenta muito colorida, torna-se mais estimulante. Os alunos tendem a reagir melhor a apresentações com o uso de cores e outras características que possam eles próprios configurar.
4. A utilização deste quadro estimula alunos de todos os níveis de ensino. Do ensino pré-escolar ao ensino universitário existem relatos de grande sucesso, devido à interatividade permitida por este recurso.
5. A educação à distância é outra potencialidade do quadro interativo, através de ferramentas, como o NetMeeting, ou *software* específico da *Smart Technologies* (Bridgit Services).
6. As salas com apenas um computador poderão tornar-se mais funcionais, pois o quadro otimiza a rentabilização do computador, permitindo a sua utilização por diversos alunos simultaneamente.
7. O quadro desenvolve o pensamento crítico dos alunos, possibilita a interação do grupo, a sua utilização é intuitiva e não requer a utilização de *software* específico. O seu uso criativo está apenas limitado à imaginação de professores e alunos.
8. São ferramentas muito atrativas e limpas, devido ao uso de canetas e apagadores eletrônicos, ou do próprio dedo do utilizador.
9. Alunos com capacidades motoras diminuídas ou limitadas podem também aceder ao quadro de uma forma atrativa e fácil. Relatos de professores indicam grandes sucessos, ao colocarem estes alunos a escreverem com o próprio dedo.
10. Por ser interativo, os utilizadores poderão dar as suas contribuições, quer diretamente no quadro, quer através do computador.
11. É de fácil ligação a outros periféricos, como câmaras fotográficas ou de vídeo. Também nestas demonstrações é possível acrescentar informação no quadro, como legendas ou notas.
12. (O quadro interativo) permite guardar informações apresentadas em apresentações e publicá-las, tornando-as acessíveis a todos na Internet.
13. É de facto bastante atrativo aos olhos dos alunos, devido a todas as suas potencialidades. A sua utilização aumenta a motivação e o interesse dos alunos pelas aulas, estimulando a sua participação.”⁷.

Perante a facilidade que os nossos alunos têm em manipular as tecnologias, compete à escola mediar o processo de transformação da informação em conhecimento, dado que os programas da disciplina vão muito para além de “ensinar a ler e a escrever”, logo, os computadores e a internet ajudam a diminuir algumas diferenças ao seu acesso que advêm de fatores sociais, culturais e geográficos.

⁷ BELL, Mary Ann (2002) “Usar um quadro interativo, porque?” Disponível em <http://teachers.net/gazette/JAN02/mabell.html> (consultado em 05 de Julho de 2013)

O uso do computador e o acesso à internet conferem à escola, de forma responsável e preparada, a possibilidade de viajar por outros espaços, isto é, “sair da sala” e “[...] visitar bibliotecas, museus, jardins, cidades, aldeias, em Portugal, na Europa, no Mundo, o que lhes permite ir bem mais longe no seu desenvolvimento.” (Tavares, 2011: 7). Deste modo, os alunos desenvolvem mais precocemente competências de escrita e de leitura, eliminando, por isso, algumas desigualdades no domínio da literacia e assim permitir que todos visitem outros espaços, leiam outros textos, escrevam e divulguem os seus textos, ou seja, comuniquem, globalmente, com outros alunos.

Para o sucesso destas medidas cabe ao professor utilizar, em primeira instância, independentemente do ciclo em que leciona, as tecnologias para desenvolver competências no âmbito da língua, desde a planificação das aulas, à utilização de hipertextos em diferentes atividades, e ajudar na construção de itinerários de pesquisa, bem como de sítios informáticos em função dos diferentes conteúdos a abordar, cumprindo de forma mais dinâmica o desenvolvimento das diferentes competências do Currículo Nacional.

As ferramentas disponibilizadas pela Web 2.0 vieram ajudar a clarificar os conteúdos e facilitar a maneira como nos relacionamos uns com os outros, desde ampliar as nossas possibilidades de aprender e de divulgar os nossos trabalhos, até comunicar, seja com especialistas seja com pessoas conhecidas, ter o nosso próprio blogue e participar em redes sociais. Daí que se refira de modo cada vez mais trivial que hoje o mundo é uma aldeia global. De facto, como se pode ler em *As Implicações das TIC no Ensino da Língua* “As designações de emissor e de recetor deixam de se justificar quando nos referimos a esta rede em que todo o cidadão é «participativo».” (Tavares, 2011: 11).

As escolas possuem, hoje, equipamentos que apoiam os professores nesta relação ‘de proximidade à distância’ com os alunos. O recurso a tecnologias de *e-learning*, baseadas em plataformas de ensino a distância, como o *Moodle*, é cada vez mais frequente, seja de apoio a aulas presenciais ou integrando modelos de aprendizagem mista *blended learning*. Mais que o simples *email*, que apenas permite uma comunicação unívoca, as plataformas apresentam grandes vantagens de partilha e construção do conhecimento, de que é um exemplo vivo o trabalho que tem sido desenvolvido na Universidade Aberta.

É nesta perspectiva que, para além da informação que se constrói nas plataformas, estas originam outros formatos comunicativos, essenciais para o manuseio da língua, como os fóruns, o *chat*, ou blogues.

Os fóruns permitem preparar e discutir reflexões, comentários, comunicações, trabalhos diversos em conjunto com colegas podendo o participante ponderar as suas intervenções. É, portanto, uma comunicação assíncrona, em que existe algum cuidado formal com o uso da língua e onde os participantes partilham as suas descobertas com os colegas e outros potenciais utilizadores da plataforma. Por outro lado, o *chat* possibilita conversas virtuais, em tempo real. Estabelece-se uma comunicação síncrona, não permitindo grande reflexão, uma vez que a comunicação se centra em torno de um determinado tema, no entanto, com a existência de um moderador, este direciona a comunicação para os objetivos definidos, podendo, no entanto, gerar algum desfasamento na sequência interativa entre os diferentes intervenientes, implicando, por vezes, a desistência de alguns devido à lentidão em reagir ao tratamento de um determinado tema.

O blogue cumpre muitos dos objetivos que o professor pode explorar com os seus alunos, pois é em primeiro lugar um diário pessoal, onde os seus autores podem desenvolver temas da sua preferência, permitindo, ainda, o comentário a outros interlocutores e com facilidades de hiperligações, para outros blogues, ou outras páginas mais abrangentes.

Os portefólios, *E-portfolios*, facilitam a envolvência do aluno no seu trabalho, uma vez que constituem instrumentos que permitem o desenvolvimento de competências metacognitivas, implicando uma reflexão sobre as maneiras de aprender ou realizar determinada atividade.

Também, no âmbito da leitura, são desenvolvidas novas estratégias uma vez que obrigando à adoção de procedimentos diferentes, pois o ecrã, não pode substituir o papel, mas a leitura pode sair enriquecida graças à Internet através da facilidade em fazer ligações, em descortinar outros sentidos que nem sempre se nos afiguram simples.

No entanto, a metamorfose do multimédia pode tornar mais hermética a hierarquização da informação e pode retirar tempo necessário à memorização e concentração, pelo que, corre o risco de se tornar uma atividade mais complexa e que envolve várias ações e operações cognitivas. De qualquer modo, a leitura permite sempre aceder à informação na internet e comunicá-la, manipulando-a e interpretando-a

para os fins convenientes, no caso presente, para a compreensão, aprendizagem e uso de conteúdos programáticos da disciplina.

Por fim, quanto à produção da escrita, fazê-la com a ajuda do computador, traz inúmeras vantagens, pois, após o plano inicial, e passando à textualização, podem fazer-se inúmeras alterações sem deixar marcas registadas de revisões anteriores e permitindo uma constante atualização de que resulta uma maior consciencialização no desenvolvimento da expressão escrita e maior apropriação de técnicas eficientes para uma escrita mais correta.

Capítulo III – Análise dos manuais escolares disponíveis para o 10º ano de Português

O manual escolar é definido na Lei n.º 47/2006 de 28 de agosto como sendo um:

[...] recurso didático-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino e aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o ensino secundário, apresentando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de atividades didáticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor; [...] (Diário da República, 1.ª série—N.º 165—28 de Agosto de 2006: 6213).

As diferentes editoras colocam à disposição de professores e alunos grande diversidade de manuais com atividades destinadas aos vários intervenientes no processo de ensino e de aprendizagem.

A elaboração de tais projetos, na maior parte dos casos, é da responsabilidade de professores que lecionam ou já lecionaram em escolas do ensino básico ou do secundário, portanto, conhecedores de uma realidade que permite adequar os diferentes materiais às necessidades concretas da disciplina em causa. A equipa de responsáveis pela elaboração do manual cumpre as indicações constantes no programa, da responsabilidade do Ministério da Educação, para a disciplina e ano em questão. Por essa razão existem muitas semelhanças entre os diferentes projetos das várias editoras.

As várias etapas por que passa a organização de um manual escolar, podem ser vistas no *site* da Porto Editora. O processo de elaboração de um manual está atualmente, também, obrigado a respeitar um conjunto de normas que visam garantir a qualidade científico-pedagógica. Por ser um processo simultaneamente interessante e complexo, são aqui apresentados os vários passos na elaboração de um manual tal como aparece no documento vídeo/áudio disponível, *online* no *youtube*⁸, e aqui reproduzido em sínteses obtidas através de um *PrtSc*:

⁸ O documento encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FnYOVsReyUE#>

Como se determina o que deve constar num manual

1.º PASSO



Figura 6

Pesquisa e planeamento (entre 6 a 9 meses)

2.º PASSO

Autores do manual:

- análise dos requisitos programáticos
- pesquisa e investigação
- planeamento para a organização dos conteúdos do manual
- planeamento dos recursos e materiais auxiliares
- análise e integração de contribuições de professores

Proposta inicial é apresentada a consultores científicos e pedagógicos.



Figura 7

Desenvolvimento inicial (6 a 9 meses)

3.º PASSO

Formação da equipa editorial responsável pela concretização do projeto:

- coordenadores de edição
- designers
- ilustradores
- fotógrafos
- paginadores
- revisores



- conceção de páginas-tipo
- definição do estudo gráfico do manual e dos materiais auxiliares

INÍCIO • 1.º PASSO • 2.º PASSO • 3.º PASSO • 4.º PASSO • 5.º PASSO • 6.º PASSO • 7.º PASSO • SUGESTÕES

Figura 8

Paginação, revisão e primeira edição (6 a 9 meses)

4.º PASSO

- seleção de imagens, ilustrações, gráficos/esquemas, mapas, etc.
- paginação de todo o manual e dos materiais auxiliares
- revisão editorial da primeira prova:
 - revisão dos textos
 - verificação de factos, fórmulas e equações
- revisão científica



introdução de alterações/correções detetadas na revisão



repetição do processo de revisão até à versão final



INÍCIO • 1.º PASSO • 2.º PASSO • 3.º PASSO • 4.º PASSO • 5.º PASSO • 6.º PASSO • 7.º PASSO • SUGESTÕES

Figura 9

Revisão e verificação de qualidade da primeira edição

5.º PASSO

- professores e revisores independentes analisam e avaliam primeira edição do manual
- associações de professores e sociedades científicas emitem pareceres
- verificação dos relatórios e pareceres emitidos e análise dos erros reportados
- correção de erros e impressão de novas páginas corrigidas
- nova revisão
- repetição de todo o processo até que não existam erros
- impressão da segunda edição para distribuição no mercado e utilização na sala de aula

INÍCIO • 1.º PASSO • 2.º PASSO • 3.º PASSO • 4.º PASSO • 5.º PASSO • 6.º PASSO • 7.º PASSO • SUGESTÕES

Figura 10

Novas revisões e reimpressões

6.º PASSO

Todas as sugestões e incorreções detetadas por alunos, professores e académicos e clarificações em textos e elementos ilustrativos são considerados em futuras reimpressões.

Quando os erros detetados são considerados graves, procede-se à impressão e distribuição de uma errata.

INÍCIO • 1.º PASSO • 2.º PASSO • 3.º PASSO • 4.º PASSO • 5.º PASSO • 6.º PASSO • 7.º PASSO • SUGESTÕES

Figura 11

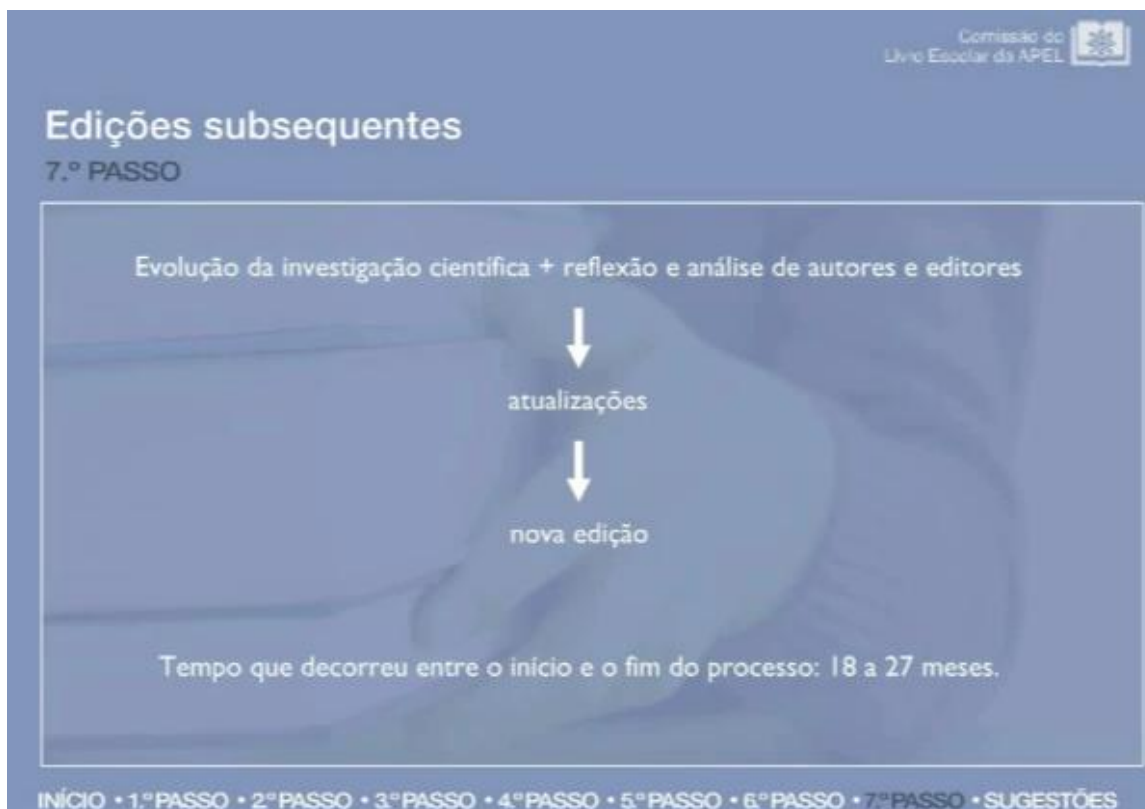


Figura 12

Assim, desde 2006 são vários os documentos que regulamentam todo o conjunto de procedimentos que vão desde a realização à avaliação e certificação de manuais escolares:

- A Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto:

[...] define o regime de avaliação, certificação e adoção dos manuais escolares do ensino básico e do ensino secundário, bem como os princípios e objetivos a que deve obedecer o apoio socioeducativo relativamente à aquisição e ao empréstimo de manuais escolares. (Diário da República, 1.ª série — N.º 165 — 28 de Agosto de 2006: 6213).
- Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de julho:

[...] define o regime de avaliação, certificação e adoção dos manuais escolares dos ensinos básico e secundário, bem como os princípios e objetivos a que deve obedecer o apoio sócio-educativo relativamente à aquisição e empréstimo de manuais escolares. (Diário da República, 1.ª série — N.º 136 — 17 de Julho de 2007)
- Decreto-Lei n.º 258-A/2012, de 5 de dezembro:

O presente diploma visa estabelecer um procedimento especial simplificado de avaliação e certificação de manuais escolares novos a avaliar previamente à sua adoção no ano letivo de 2013-2014, nas disciplinas para as quais foram homologadas metas curriculares. (Diário da República, 1.ª série — N.º 235 — 5 de dezembro de 2012)

- Despacho n.º 95-A/2013, de 3 de janeiro, define:

[...] medidas transitórias e excecionais para a avaliação e certificação de manuais escolares em regime de já adotados e em utilização, no que diz respeito às áreas disciplinares, disciplinas e anos de escolaridade abrangidos pelos efeitos da aprovação das respetivas metas curriculares. (Diário da República, 2.ª série — N.º 2 — 3 de janeiro de 2013).

Assim, a escolha de um determinado projeto, da responsabilidade do grupo disciplinar em cada escola, é determinada não só pela escolha de textos que cumpram as indicações do programa, mas também pelas atividades que se desenvolvem em torno de cada texto para os diferentes domínios – compreensão, expressão escrita e oral e gramática – para além do grafismo, imagens associadas, equipa de autores, revisão científica, consultoria científica e diferentes materiais que acompanham o manual.

É de realçar a preocupação das editoras, a propósito de cada projeto, em fornecer vários materiais que impliquem a utilização das TIC, seja através de CD/DVD, seja através de recursos interativos, permitindo, deste modo, diversificar as atividades que o professor prepara e desenvolve para cada aula.

O trabalho realizado pelas editoras, algumas com mais de um projeto para a mesma disciplina e ano, é uma mais-valia para o professor. De facto, o professor para além de poder contar com os materiais adotados na escola, pode aproveitar, ainda, sugestões de trabalho e atividades de outros projetos que lhe foram fornecidos, gratuitamente, no ano de adoção, no que resulta, claramente, um maior enriquecimento e aulas muito mais dinâmicas, pois só com o manuseamento dos manuais e respetivos materiais de apoio se vai percebendo da utilidade e contributo para o enriquecimento e/ou superação das dificuldades dos alunos.

Neste contexto, analisarei alguns dos manuais que se encontram em vigor, adotados em diferentes escolas. Apresento uma caracterização dos manuais indicando a editora, o título do manual e os materiais que constituem cada um dos projetos referenciados a seguir.

1. Manuais adotados

- Lisboa Editora / Raiz Editora – O manual *Plural 10* e restantes materiais do projeto configuram experiências inovadoras em cada uma das sequências em que está organizado. A constituição do manual permite ao professor desenvolver um

conjunto de atividades motivadoras para a concretização do programa, aliando os conteúdos a uma abordagem organizada e repetida ao longo das diferentes sequências de aprendizagem. Assim, o centro é o texto e é em torno dele que se desenvolvem as diferentes atividades. Cada uma das cinco sequências apresenta um conjunto diversificado de textos, selecionados pelo seu valor intrínseco e por funcionarem como ponto de partida para a exploração dos diversos conteúdos e o desenvolvimento das diferentes competências. Antes do Texto, o manual apresenta a rubrica “Antes de ler”, em que se procura captar os alunos, despertando a curiosidade, dando pistas e antecipando sentidos para o texto; são atividades de pré-leitura. Ao texto, segue-se a “leitura do texto”, um conjunto de questões, de resposta fechada e/ou resposta aberta, que implicam a exploração e compreensão do texto. Segue-se, depois na maioria dos textos questionários de exploração e aplicação dos conteúdos de funcionamento da língua, a rubrica é “Gramática no texto”; em torno do texto existem imagens, com objetivos diferentes, desde a função estética e pedagógica, até às pistas de leitura para o texto, ou ainda como ponto de partida para atividades de escrita ou oralidade; por fim, “Outras atividades” que vão desde o ouvir, ao falar, escrever, pesquisar... ou seja, diversas propostas de trabalho que visam desenvolver competências nos diversos domínios da oralidade, escrita, leitura, reflexão sobre a língua, pesquisa e tratamento de informação, ou até mesmo de educação para a cidadania. Para além destas especificidades, cada sequência, apresenta ainda propostas para o contrato de leitura, oficinas de escrita, fichas informativas – complemento para explicitar conteúdos de funcionamento da língua, de escrita transacional e outros, fichas formativas, em final de sequência, de modo a individualmente cada aluno testar as suas aprendizagens, uma vez que as propostas de correção surgem no final do livro. Ao longo de cada sequência, encontram-se, ainda remissões para anexos ou para o e-Manual.

Este projeto, deveria, em meu entender, optar por inserir alguns questionários com formulação semelhante à dos exames nacionais, situação que habituará os alunos a esta realidade tão importante no final do secundário e que decide muito da classificação final da disciplina.

O projeto é constituído pelos seguintes materiais:

Para o professor:

- Manual do professor integrado;
- Registos áudio de apoio à oralidade;
- Caderno de Atividades;

- Livro do professor;
- e-Manual do professor;
- Acesso ao Banco de Recursos Interativos para professores (BRIP) em www.lisboaeditora.pt;

Para o aluno:

- Manual;
- Registos áudio de apoio à oralidade e atividades em www.lisboaeditora.pt;
- Caderno de atividades;
- e-Manual do aluno.

- Lisboa Editora / Raiz Editora – O manual *Português dez*, constituído por quatro sequências e uma pasta de recursos, organiza, também, os conteúdos em torno do texto, que assume o centro do tratamento dos conteúdos programáticos, e à volta dele com diferentes contributos de pré-leitura, compreensão e interpretação do texto, funcionamento da língua e outras atividades que partem através de inspiração no texto. O aspeto mais curioso, neste manual, é o destaque dado a um sumário que traça o percurso para cada aula, orientando, assim, professor e alunos na planificação e tratamento dos diferentes conteúdos.

O projeto é constituído pelos seguintes materiais:

Para o professor:

- Manual;
- Caderno de apoio ao aluno;
- Marcadores exclusivos para o professor;
- Registos áudio de apoio à oralidade;
- Caderno de exercícios de português;
- Livro do professor;
- e-Manual do professor;
- Acesso ao Banco de Recursos Interativos para professores (BRIP) em www.lisboaeditora.pt;

Para o aluno:

- Manual;
- Caderno de apoio ao aluno;

- Registos áudio de apoio à oralidade e atividades em www.lisboaeditora.pt;
- Caderno de exercícios de português;
- e-Manual do aluno.

- Porto Editora – o manual *Entre Margens 10* é constituído por um módulo inicial de diagnóstico, seguem-se cinco sequências de ensino e aprendizagem, um bloco informativo, um glossário de termos literários e, ainda, um índice remissivo e de autores. Cada uma das sequências é iniciada com um separador onde surge uma síntese dos conteúdos trabalhados ao nível da leitura, expressão escrita e oral, compreensão oral e funcionamento da língua. Segue-se um conjunto de sugestões para o contrato de leitura e depois um conjunto de textos em função do conteúdo da sequência, bem como documentos diversos de aprofundamento dos conteúdos. A sequência organiza-se com as rubricas “antes de ler” – atividades de pré-leitura; o texto – em diferentes formatos; “compreender” – questionários em diferentes modalidades. Vão surgindo depois as rubricas “Funcionamento da língua” – em função do texto, “Oralidade” – exploração de textos ouvidos, “Oficina de escrita” – exercícios de escrita planificada e orientada, e “Fixa” – quadros com sínteses dos conteúdos trabalhados. Estes quadros são uma mais-valia, pois resumem os conteúdos da sequência de forma muito objetiva e clara, permitindo aos alunos consolidarem os conteúdos.

Este projeto é abrangente e inovador não só pelo grafismo, mas também pela disposição dos textos, sugestões, apoio ao professor nas margens de cada página e materiais que o acompanham tanto para o aluno como para o professor em diferentes materiais e possibilidades de utilização através do quadro interativo, vários *PowerPoint* para projetar e a nível de áudio com muitos dos textos ditos por atores.

O projeto é constituído pelos seguintes materiais:

Para o professor:

- Manual + guia do professor;
- Caderno de Atividades;
- Caderno do professor;
- CD Áudio;
- e-Manual do professor;
- PowerPoint didáticos (CD-ROM);

- Acesso ao Banco de Recursos Interativos para professores (BRIP) em www.portoeditora.pt.

Para o aluno:

- Manual;
- Caderno de atividades;
- e-Manual do aluno.

• Porto Editora – o manual *Expressões 10* é um projeto muito semelhante ao *anterior*, pelo que as características a que a editora nos habituou mantêm-se quer na organização quer nos materiais disponibilizados para os diferentes intervenientes dos processos de ensino e de aprendizagem. A mais-valia do projeto passa pela grande variedade de recursos propostos para os diferentes domínios e com um conjunto de informações muito bem fundamentadas, citando as fontes, credibilizando, deste modo, os conteúdos a apreender.

O projeto é constituído pelos seguintes materiais:

Para o professor:

- Manual + guia do professor;
- Caderno de Atividades;
- Livro do professor;
- CD Áudio;
- e-Manual do professor;
- PowerPoint didáticos (CD-ROM);
- Acesso ao Banco de Recursos Interativos para professores (BRIP) em www.portoeditora.pt.

Para o aluno:

- Manual;
- Caderno de atividades;
- e-Manual do aluno.

• Texto Editores – o manual *Página Seguinte 10º ano* no dizer das autoras permite “ensinar a descobrir os segredos, (...) a alcançar os seus objetivos. Nas aulas de Português aprende-se o Sonho e transfigura-se a Realidade” (Martins, 2010:1). De facto,

o projeto está muito bem conseguido e é bastante atrativo pela forma como o manual está organizado. Após uma sequência de diagnóstico, seguem-se cinco sequências que exploram os conteúdos programáticos com uma distribuição semelhante aos projetos anteriores. O destaque neste manual vai para o conjunto de esquemas síntese dos vários conteúdos, permitindo aos alunos uma compreensão e apreensão dos mesmos, bem como uma seleção de imagens que potenciam exercícios em vários domínios, para além de que o caderno de atividades, com exercícios muito interessantes, facilita a solidificação do percurso a realizar ao longo do ano.

O projeto é constituído pelos seguintes materiais:

Para o professor:

- Manual do professor;
- Caderno de atividades;
- Caderno de apoio ao professor;
- Dicionário Terminológico e o Programa do Secundário;
- 20 Aula Digital (CD-ROM e on-line) – vários recursos;
- Apoio internet – www.paginaseguinte10.te.pt;

Para o aluno:

- Manual;
- Caderno de atividades;
- 20 Aula Digital (CD-ROM e on-line) – vários recursos;
- Apoio internet – www.paginaseguinte10.te.pt;

- Edições Asa – o manual *Com Textos* apresenta-se bastante diferente de todos os outros. É um projeto inovador e com uma disposição gráfica apelativa. No manual, de acordo com os autores do livro, pode ler-se:

[...] uma combinação de múltiplos sentidos – do *intertexto*, ao *paratexto* e ao *pré-texto*; passando pela *transtextualidade*, pelos *metatexto*, *arquitexto*, *cotexto* e *contexto*; sem esquecer os textos *expositivo*, *narrativo*, *descritivo*, *argumentativo*, *dialogal-conversacional*, *injuntivo-instrucional* (e um sem-número de géneros, de companheiros das nossas [a]venturas didáticas); (Cardoso, 2010:5)

O grande objetivo do projeto é promover e facilitar um processo de ensino e de aprendizagem participado, empenhado, diversificado. A quantidade e a diversidade de textos e de exercícios/atividades revelam-se motivadores para os alunos favorecendo a

sua integração numa sociedade marcada por tantas variantes, onde quer os saberes quer os valores são imprescindíveis no mundo atual. Ainda a propósito deste manual, a Doutora Maria Francisca Xavier, responsável pela revisão científica, escreve no prefácio do livro:

[...] o manual pretende, simultaneamente, estimular a criatividade e a curiosidade dos alunos e conduzi-los por caminhos mais vastos, escrevendo e lendo, para além das propostas do manual, literatura impressa em periódicos ou livros, assim como navegando na Internet.” (Cardoso, 2010:3)

O manual apresenta-se com seis sequências em que a primeira se dedica a atividades de diagnóstico e as seguintes à distribuição dos conteúdos programáticos, de acordo com as diferentes tipologias de texto/géneros textuais. A organização de cada sequência vai ao encontro das competências genéricas do “Ouvir/Falar”, “Ler”, “Escrever” e “Funcionamento da Língua” e, em cada uma destas, com várias propostas para desenvolver na aula, como trabalho de casa, individualmente e/ou em grupo e com referências a outras disciplinas e a trabalhos interdisciplinares. Para além destas valências, apresenta ainda propostas de sínteses dos conteúdos e a finalizar a possibilidade de cada aluno poder avaliar as aprendizagens/competências desenvolvidas nos domínios da compreensão, interpretação e análise textuais, funcionamento da língua e de produção escrita.

O projeto é constituído pelos seguintes materiais:

Para o professor:

- Manual (versão exclusiva do professor);
- Caderno de Atividades;
- Livro do professor;
- CD Áudio;
- 20 Aula Digital;
- www.comtextos10.asa.pt;

Para o aluno:

- Manual;
- Caderno de Atividades;
- 20 Avaliação interativa;
- www.comtextos10.asa.pt;

- Santillana / Constância – o manual *Português 10º ano* integra um projeto transversal denominado “Desafios” que atravessa todo o percurso escolar até ao final do ensino secundário possibilitando um acompanhamento integral e proporcionando um vasto leque de ferramentas didáticas para garantir o sucesso dos alunos. Assim, o manual tem como objetivos desenvolver o gosto pela leitura de textos literários de autores portugueses e estrangeiros; interpretar diferentes tipologias textuais; aprofundar o conhecimento explícito da língua e desenvolver diferentes competências linguísticas; contribuir para a formação do aluno no domínio da Educação para a Cidadania; Expandir conhecimentos, apostando na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade; incorporar as TIC no processo de ensino-aprendizagem, permitindo, deste modo, uma exploração alternativa dos temas e uma manipulação das atividades interativas quer na sala de aula, quer no trabalho individual do aluno.

O manual encontra-se organizado em sete sequências, sendo a primeira de diagnóstico e as restantes de integração dos conteúdos programáticos. Cada sequência estrutura-se nas rubricas “Antes de ler”, “Ler” e “Depois de ler”. O alvo é o texto e cada um deles é acompanhado por atividades de compreensão/interpretação, funcionamento da língua, produção escrita e oral, bem como outras pistas para ampliação de conhecimentos. Ainda, as fixas informativas, com informação sobre os diferentes conteúdos e, a terminar, as fichas formativas, ou seja um conjunto de atividades que proporcionam a consolidação dos conteúdos abordados. Ao longo das sequências há também a preocupação de expandir os conhecimentos dos alunos sobre Cultura, incluindo a Arte e sobre o mundo atual. O final do manual tem, ainda, um conjunto de anexos, onde surgem sínteses, essencialmente, dos conteúdos gramaticais.

O projeto é constituído pelos seguintes materiais:

Para o professor:

- Livro do professor;
- Caderno de atividades;
- EDUCATECA – guia de recursos do professor;
- Manual Interativo Multimédia do professor.

Para o aluno:

- Manual do aluno;
- Caderno de atividades;
- Manual Interativo Multimédia.

- Areal Editores – *Português +, 10º ano* tem como principal lema “conhecer mais e melhor a língua que nos une implica-nos a todos.” (Ferreira, 2010:2). Este manual organiza-se em quatro unidades, contando ainda com uma unidade zero, onde são propostas atividades de diagnose e indicações para a realização de um contrato de leitura. Tem também a particularidade de na unidade quatro “textos poéticos” inserir a lírica camoniana e os poetas do século XX. Cada unidade estrutura-se seguindo, também, algumas particularidades. Na rubrica “Começar” faz-se uma introdução ao tópico da unidade, segue-se “Aprender” que se subdivide em “Conhecer”, em “Aprofundar” e, por fim, em “Complementar”. O destaque vai para o “Aprofundar” onde se concentram as diferentes atividades em torno do texto pertencente ao tipo discursivo de cada unidade. Trata-se, portanto, de uma “leitura analítica” a que se segue o “laboratório gramatical”, uma bateria de exercícios e reflexões sobre a língua; a “reflexão sobre o literário”, oficinas de oralidade e de escrita, sempre numa perspetiva construtiva e de aperfeiçoamento. Cada unidade termina com uma sistematização através de quadros em esquema síntese e na rubrica “avaliar” uma ficha de avaliação formativa. É, no dizer das autoras, um projeto em que se aplica inquestionavelmente o vocábulo “mais”, como se verifica:

[...]ler mais textos em português, experimentar mais percursos de escrita, conhecer de modo mais aprofundado a gramática da nossa língua, desenvolver mais o gosto pelo literário, escutar com mais perspicácia os discursos orais, falar e intervir publicamente com mais propriedade. (Ferreira, 2010:2).

O projeto é constituído pelos seguintes materiais:

Para o professor:

- Livro do professor;
- Apontamentos gramaticais;
- Caderno de exercícios;
- Caderno de apoio ao professor;
- CD-Áudio;
- Acesso ao BRIP – Banco de Recursos Interativos para Professores.

Para o aluno:

- Manual do aluno;
- Apontamentos gramaticais;
- Caderno de exercícios;
- CD-ROM (inclui guia de estudo e acesso ao *e-manual* do aluno).

Capítulo IV – Sugestões de abordagem

Neste capítulo, o objetivo é discorrer pelo programa de Português de 10º ano, como atrás se referiu, e apresentar um conjunto de situações que possam aliar o uso das tecnologias em sala de aula, para explorar os vários conteúdos programáticos. As propostas que se seguem contam com a experiência pessoal de lecionar este nível de ensino e, muitas vezes, continuar o percurso com os mesmos alunos até ao final do ensino secundário. Pretende-se, portanto, cativar, comprometer e implicar os alunos no processo de ensino e de aprendizagem como um imperativo desde o início. Para além disso, o apoio do manual é a grande valia para o acompanhamento simultâneo de todos os alunos, dado que este é um dos materiais que todos os discentes possuem. Por isso, o professor utiliza-o e a partir dele lança outras propostas de abordagem que impliquem o cumprimento das metas de aprendizagem.

O trabalho aqui sugerido não tem intenções temporais nem distribucionais de conteúdos. Pelo contrário, tem por objetivo propor diversidade na aplicação das TIC em cada um dos conteúdos programáticos. Nesta perspetiva, serão analisados, em primeiro lugar, os textos do domínio transacional e, depois, os textos literários.

Assim, o professor deverá, logo a partir das primeiras aulas do ano letivo, orientar os seus alunos para todo um projeto educativo que seja esclarecedor no âmbito da língua e que trabalhe de forma homogénea a compreensão e expressão orais e escritas, a leitura e o funcionamento da língua. Para tal, utilizará o manual adotado, mas também todos os outros meios que a escola e em concreto a sala de aula lhe permitirem. Envolver os alunos no gosto pelas atividades propostas é um dos grandes desafios. A criação de um *E-portefólio*, desde logo explicado aos alunos, será um suporte “vivo” que eles organizarão ao longo de todo o ano e complementarará o caderno diário, ou substituí-lo-á, em muitos dos casos, dependendo dos materiais que cada um possua.

1. Textos do domínio transacional e educativo

Os textos do domínio transacional e educativo surgem no Programa de Português como referências de estudo e análise pelo seu “valor educativo e formativo” (Seixas, 2001: 3) de modo a potenciarem, também, a interatividade entre a oralidade e a escrita. O grande objetivo é preparar os jovens para uma integração na vida sociocultural e profissional, uma vez que há a necessidade de compreender e elaborar textos de nível prático, obedecendo a regras simples e funcionais. De facto, no dia a dia, a maioria destes textos ocorre no domínio comunicativo, seja em situação das relações sociais-escolares, seja nas profissionais, culturais ou em sociedade devido ao seu carácter utilitário. Assim, nesta tipologia de textos torna-se necessário privilegiar um discurso funcional e institucional, onde sobressaíam as seguintes características:

- Linguagem monossémica, denotativa e objetiva;
- registo cuidado;
- uso mais frequente da 3ª pessoa e de formas de tratamento específicas e adequadas ao contexto;
- recurso a vocabulário específico;
- tecnicismos legais e administrativos: ata, circular, declaração, formulário, ofício, requerimento, etc.;
- aforismos latinos: *ex aequo* – com igual mérito; *mutatis mutandis* – mudando o que deve ser mudado; *sine die* – sem data fixa; *sine qua non* – condição indispensável; *etc.* ;
- estruturas impessoais para realçar o carácter coletivo e generalizador das leis e das normas: *Deve fazer-se acompanhar...*; *Faz-se saber que...*; *etc.*;
- fórmulas fixas que acentuam a formalização deste tipo de textos e facilitam a interpretação da sua estrutura: *Expõe, Declara, Solicita, Vem requerer, Acusamos a receção de..., Em conformidade com..., Em cumprimento do estabelecido..., etc.*

Cada um dos textos do domínio transacional apresenta pormenores de construção no processo de comunicação, como se enuncia no quadro síntese, que utilizo para uma primeira abordagem:

	DECLARAÇÃO	CONTRATO	RELATÓRIO	REQUERIMENTO	REGULAMENTO
Ações	declarar	contratar	Relatar	requerer	regulamentar
Locutor	o declarante	os contraentes ou outorgantes	o relator	o requerente	a entidade regulamentadora órgãos dirigentes
Interlocutor	local de trabalho escola tribunal etc.	os próprios contraentes	os superiores hierárquicos	o chefe de determinado serviço o presidente de determinada instituição	os utilizadores, associados de determinada instituição ou coletividade
Pessoa interessada	a pessoa que solicita	os contraentes	o relator e / ou o destinatário	o requerente	a entidade regulamentadora e os utilizadores / associados
Registo	formal ou informal	formal	formal e informal	formal	formal
Estrutura	abertura corpo fecho	abertura encadeamento fecho			

Figura 13, esquema dos textos do domínio transaccional

Pode verificar-se, por isso, que os textos transaccionais seguem uma linha normativa de que se destacam certas regras de construção, orientando-se

- do todo para as partes;
- do geral para o particular;
- unidade na exposição de ideias;
- clareza, objetividade e concisão de linguagem.

Para além disto, esta tipologia de textos deve implicar uma comunicação inequívoca, uma vez que são utilizados em situação referencial, pois só assim existe eficácia na informação e compreensão da mensagem, evitando ambiguidades e erros de interpretação.

Nesta perspetiva, o estudo destes textos tornar-se-á eficaz numa abordagem organizada em torno do conhecimento e carácter utilitário que o aluno tenha de cada um deles, podendo o recurso às tecnologias digitais disponibilizadas acrescentar facilidades no manuseamento, elaboração e aprendizagem de cada um dos documentos / textos.

Assim, a informação teórica apresentada pelo docente será partilhada no *Moodle* da escola e na disciplina a ser criada para o efeito – Português 10º, ou enviada para um *email* da turma, em ficha informativa de formato PDF. Este será o ponto de partida para a organização do *E-portefólio*. Os alunos criam uma “pasta” com a designação de “Textos do Domínio Transaccional” e aí arquivam os documentos fornecidos pelo professor e as pesquisas que cada um efetua, bem como a respetiva análise que cada um lhe fará. Este é, pois, um dos processos que mobiliza as tecnologias e será um documento em construção permanente, que o professor acompanhará, ajudando a construir e a reformular, sendo, portanto, um dos instrumentos que o professor considera na avaliação a atribuir em cada período.

1.1.Declaração

A declaração consiste no ato de *mostrar claramente, esclarecer, revelar, dar a conhecer* ou *explicar*. É, portanto, um ato assertivo que pode manifestar-se, ou não, em documento escrito e asseverada de forma singular ou coletiva em que se emprega, respetivamente, a palavra “declaro” ou “declaramos”, como afirmação oral em público ou diante de testemunhas. É um documento que pode diversificar dependendo do assunto, da situação ou do registo, assim:

- dão uma informação ou um testemunho;
- asseveram ou afirmam claramente;
- confessam um ato ou explicam-no;
- participam, comunicam ou denunciam;
- manifestam ou revelam o amor;
- proclamam um ato ou o decretam-no...

A informação em esquema simplificará o processo, sobretudo para apresentação aos alunos, projetando e construindo a aprendizagem. O esquema que se segue é retirado do manual *Página Seguinte 10º ano* e organiza a informação deste modo:

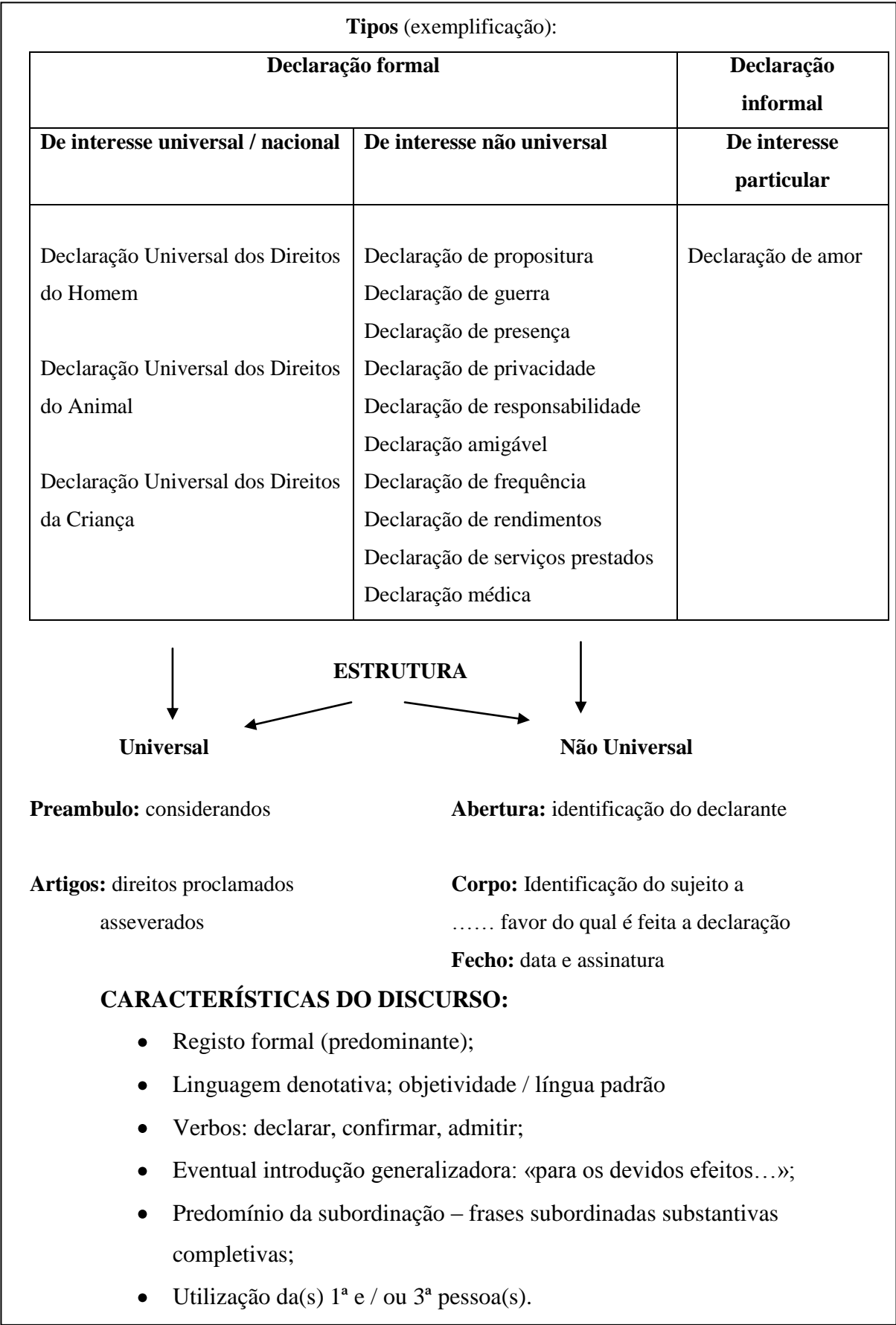


Figura 14, esquema sobre a declaração (Martins, 2010:34), adaptado

Após a esquematização das características, cada aluno realizará uma declaração, no seu caderno diário e/ou em formato *Word*, no final apresentá-las-ão aos colegas e todas guardarão os trabalhos no *E-portefólio* numa subpasta “Declaração – modelos dos colegas”. Para além deste trabalho, os alunos poderão recolher minutas exemplo de declaração existentes em vários serviços e organizar outra subpasta com o nome “Declaração – minutas oficiais”.

Exemplo:

<p style="text-align: center;">DECLARAÇÃO</p> <p>Para efeitos de ser presente no Centro de Saúde da sua área de residência, se declara / se certifica / se atesta (declaro / certifico / atesto) que JOSÉ HENRIQUE MARTINS DE PAIVA habita na Rua de Macau, n.º 43, 4520 - 271, em Santa Maria da Feira, desde o passado mês de Maio.</p> <p>Por ser verdade e nos (me) ter sido pedido, se passou (passei) o presente documento que vai assinado pelo Presidente desta Junta de Freguesia.</p> <p style="text-align: center;">Santa Maria da Feira, 22 de novembro de 2013</p> <p style="text-align: center;">Assinatura</p>
--

Figura 15, modelo de declaração

A declaração pode, ainda, surgir em forma de proclamação, quando acompanhada por atos de aclamação ou aprovação. É o que sucede com as declarações de guerra, de independência, de bloqueio ou outras. Essas declarações surgem, em geral, associadas e contidas em documentos de valor jurídico.

A declaração constitui, portanto, um documento com força vinculativa que visa expressar uma vontade, uma decisão ou um depoimento e em que a intencionalidade comunicativa envolve diretamente o emissor no compromisso assumido perante o direito

1.2.Requerimento

De acordo com a *Infopédia*, o requerimento é utilizado, essencialmente, para fazer um pedido ou solicitação a uma autoridade competente, para, por exemplo, obter informações, solicitar providências ou convocar sessões extraordinárias, sempre dentro da lei.

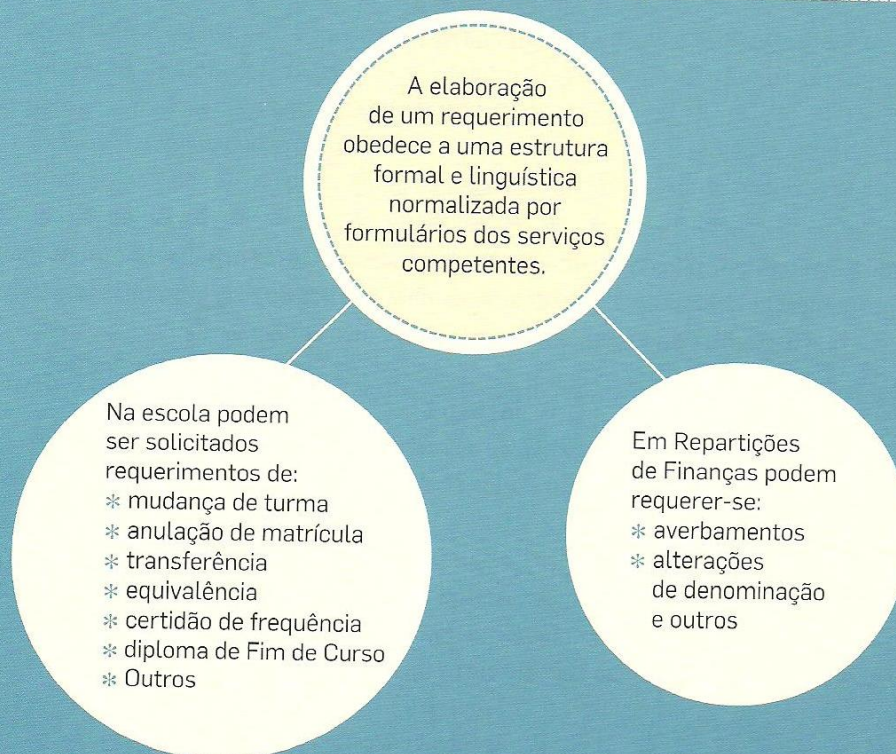
Assim, o requerimento deve ser construído na 3ª pessoa, usando um registo formal, uma linguagem correta, clara e objetiva. Na sua construção, identifica-se o destinatário, nome da pessoa / cargo / entidade a quem se dirige, é, portanto, a abertura e deve surgir na parte superior da folha. De seguida, surgirá o texto principal ou encadeamento. Aqui, começar-se-á a apresentar o requerente, identificando-se, de forma completa, e apresentando, posteriormente, o assunto, em que fará o pedido e a sua justificação, introduzido pela fórmula “*vem requerer*” ou “*vem solicitar*” seguida de uma frase iniciada por “que” ou por um nome (ex. ... *vem requerer que autorize ou vem requerer a autorização.*). Por fim, o fecho. A terminar, no lado direito da folha, deve usar-se a fórmula oficial: Pede deferimento (significa, esta expressão, ficar na expectativa de que o pedido tenha uma resposta favorável), depois o local, a data e a assinatura.

O esquema retirado, também, do manual *Pagina Seguinte 10º ano* sintetiza as características essenciais a ter em conta na elaboração de um requerimento. O processo poderá ocorrer agora de forma diferente, o professor após a explicação envolve os alunos no processo de esquematização das ideias, usando o quadro interativo em que os alunos alternadamente vão colocando as ideias chave e, de forma conjunta, constroem a síntese comparando-a, depois, com o modelo apresentado. De seguida, visualizam um requerimento e cada aluno construirá um requerimento à Diretora da Escola a pedir, de forma conscienciosa, algo que seja válido.

Requerimento

«Um requerimento é uma petição por escrito, segundo as formas legais, na qual se solicita alguma coisa permitida por lei ou que como tal se supõe.»

in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, vol. 25



Estrutura do requerimento

- * Abertura – Identificação do destinatário
- * Encadeamento – Identificação, residência do requerente. Objectivo do requerimento
- * Fecho – Pedido de deferimento
- * Data e assinatura do requerente

Características do discurso

- * Linguagem objectiva (identificação, morada, Bilhete de Identidade, N.º de Contribuinte, etc.)
- * Utilização de léxico específico:

Exs.: requerente	conceder
deferimento	dignar-se
requerer	sito (situado)
solicitar	mui (muito) respeitosamente
- * Utilização da 3.ª pessoa:
 - pede deferimento
- * Início com vocativo
- * Tratamento/exposição económica do assunto
- * Registo formal
- * Rigor no uso das fórmulas adequadas

Figura 16, esquema sobre o Requerimento (Martins, 2010:47)

REQUERIMENTO

Exma. Senhora
Diretora do Colégio
Liceal de Santa Maria de Lamas

Maria Alice da Maia Teixeira Barbosa, encarregada de educação de Pedro Miguel Teixeira Barbosa, matriculado no corrente ano letivo na turma D, do 7º ano, com o número 19, solicita a V. Ex.^a que se digne autorizar o aluno a mudar de turma, uma vez que este tem enfrentado alguns problemas de integração num grupo. Acresce que a situação familiar do aluno não é favorável, porquanto o seu pai se encontra ausente do país, por motivos laborais, o que gerou um clima de instabilidade no seio da família.

O facto de o aluno não se sentir integrado na turma em que está inserido condicionará, certamente, o seu percurso escolar e refletir-se-á no seu aproveitamento. De resto, tal começa já a fazer-se sentir, tendo em conta os resultados menos bons do primeiro momento de avaliação nas diferentes disciplinas. O aluno revela-se profundamente desmotivado, sem vontade de frequentar a escola e de cumprir as tarefas propostas na sala de aula. É de salientar que nunca antes apresentou este tipo de comportamento.

Conversando com o discente sobre esta situação, percebe-se que, não tendo condições para conseguir sociabilizar com os colegas da turma, apenas o faz durante os intervalos, recorrendo, para tal, aos seus antigos colegas do segundo ciclo. Por esse motivo se afigura conveniente transferir o aluno para a turma A do mesmo ano de escolaridade, de modo a acompanhar um conjunto significativo de alunos que foram seus colegas no 6º ano, com quem manteve um excelente relacionamento.

Pede deferimento.

Santa Maria de Lamas, 12 de outubro de 2013

Figura 17, modelo de um requerimento

1.3. Contrato

Um contrato é um texto que firma um acordo entre duas ou mais pessoas individuais ou coletivas e em que cada uma destas partes contratantes aceita respeitar direitos e deveres recíprocos. Para que tenha validade legal, é necessário que as pessoas que o firmam já tenham atingido a maioridade e que o objeto do contrato esteja claro e seja lícito. Por vezes, fala-se de *contrato bilateral* ao existir entre as partes uma transferência mútua de certos direitos e deveres por elas aceites. Diz-se, ainda, *contrato de promessa* quando um dos contratantes se obriga a cumprir certa coisa em relação a outrem e o outro se obriga a corresponder, em determinado prazo (é o que sucede com os contratos de promessa de compra e venda).

O contrato só é válido se a vontade dos contratantes for livre e esclarecida, ou seja, que haja consentimento deliberado e livre das partes contraentes. A *nulidade* de um contrato acontece sempre que haja erro ou dolo essencial. O mesmo acontece quando se verifica impossibilidade ou imoralidade nas condições da sua existência.

Nos contratos por meio eletrónico, nas relações virtuais, é necessário manter a mesma autonomia como nos contratos formais, adotando-se as normas dos contratos à distância. O que pode trazer algumas dificuldades é a faculdade de escolha entre os contratantes da lei aplicável, de acordo com os vários sistemas jurídicos que podem vigorar entre países diferentes a que pertencem os contratantes. Aí terá de ser aplicado o Direito Internacional e as normas legislativas, civis, comerciais ou de trabalho que se adaptem às circunstâncias.

ESTRUTURA

O contrato estrutura-se em três partes – **abertura, encadeamento e fecho**.

a. Abertura

Título – constituído pela designação do tipo de contrato («Contrato de compra e venda», «Contrato editorial», «Contrato de arrendamento», «Contrato de trabalho a termo certo», «Contrato matrimonial», «Contrato de prestação de serviços», etc..).

b. Encadeamento

Identificação dos outorgantes (ou partes contratantes) – nome completo, naturalidade, idade, número do CC /BI, morada, estado civil, profissão,

número de contribuinte e/ou outros dados considerados relevantes, consoante as circunstâncias e o objetivo do contrato;

Cláusulas – especificam as condições do contrato.

c. Fecho

Localidade e data da celebração do contrato;

Assinatura dos outorgantes.

CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM

Independentemente do tipo de contrato que se pretenda firmar, a linguagem deve sempre respeitar um determinado conjunto de normas.

Nível de língua cuidado;

Utilização da terceira pessoa;

Clareza e objetividade.

Segue-se um exemplo realizado no início do ano letivo, um *pro forma*, de introduzir a leitura recreativa, tal como consta do Programa do Ensino secundário, no

[...] contrato de leitura cabe a ambas as partes – professor e aluno – estabelecer as regras fundamentais para a gestão da leitura individual, procurando fatores de motivação para que esta aconteça. Para além da leitura individual, o contrato pode estipular a agregação por pequenos grupos de alunos que manifestem interesse por um mesmo texto. O professor deve constituir-se como entidade facilitadora de práticas de leitura, oferecendo aos alunos a possibilidade de encontro com textos interessantes e motivadores, procurando, contudo, suscitar respostas por parte dos leitores durante e após a leitura desses textos. Estas respostas poderão traduzir-se, por exemplo, nas seguintes atividades: apresentação oral dos textos lidos à turma, elaboração de fichas de leitura e fichas biobibliográficas de autores, bases de dados de personagens, propostas de temas para debates em aula, elaboração de ficheiros temáticos.” [...] (Seixas, 2001: 25)

Assim, os alunos, através da realização de um contrato, percebem as suas características e envolvem-se, de forma séria, no compromisso de leitura. Fica, de seguida, o modelo que eu utilizo no início de cada ano letivo. O documento é enviado em formato editável e cada aluno conclui o seu preenchimento e arquiva no seu *E-portefólio* ou imprime e cola no caderno diário.

Contrato de Leitura

O presente contrato efetuar-se-á entre:

I – José Henrique Martins de Paiva, professor da disciplina de Português, da turma A, do 10º ano de escolaridade, residente em Santa Maria da Feira, como **primeiro outorgante**, e

II - _____, aluno(a) da disciplina de Português, da turma A, do 10º ano de escolaridade, residente em _____, como **segundo outorgante**, é celebrado o presente contrato a reger nos termos das cláusulas seguintes:

Primeira

O segundo outorgante compromete-se a:

- a) Ler um livro durante cada trimestre;
- b) Preencher uma ficha de leitura dos livros lidos;
- c) Preencher uma ficha biobibliográfica dos autores dos livros lidos;
- d) Apresentar oralmente o livro à turma.

Segunda

O primeiro outorgante compromete-se a:

- a) Fornecer ao segundo outorgante uma lista de obras, onde este poderá fazer as suas escolhas;
- b) Orientar as leituras, quando solicitado;
- c) Fornecer instrumentos que possibilitem a organização da informação;
- d) Atribuir uma percentagem da avaliação total ao cumprimento do contrato;
- e) Avaliar as produções e as diferentes atividades envolvidas no cumprimento do contrato.

Terceira

O incumprimento por parte do primeiro outorgante determina que:

- a) O segundo outorgante fique desvinculado do cumprimento do contrato;
- b) A percentagem da avaliação atribuída ao cumprimento do contrato seja redistribuída por todos os elementos de avaliação.

Quarta

O incumprimento por parte do segundo outorgante determina que:

- a) À percentagem da avaliação atribuída ao cumprimento do contrato seja atribuída a classificação de 0 (Zero).

O presente contrato é aceite por ambos os outorgantes nos precisos termos aqui exarados e por todos vai ser assinado por o considerarem conforme. Tendo sido feito em duplicado, cada outorgante ficará na posse de um exemplar.

Santa Maria de Lamas, 03 de outubro de 2013

O primeiro outorgante

(assinatura conforme o BI / CC) _____

O segundo outorgante

(assinatura conforme o BI / CC) _____

Figura 18, modelo de um contrato

1.4. Regulamento

O regulamento consiste num conjunto de regras ou de instruções destinadas a facilitar a organização e funcionamento de instituições, entidades coletivas, corpos associativos, concursos, entre outros. No **campo jurídico**, o regulamento, ao ser constituído por um conjunto de normas destinadas a facilitar a execução das leis, não deve conter direito novo, mas apenas encerrar disposições de carácter geral e permanente. Há leis que só são exequíveis com a publicação do respetivo regulamento.

Nos regulamentos, incluem-se o *estatuto*, o *regimento*, a *lei*, o *decreto*, a *norma*, o *preceito*, a *prescrição*, o *guia*... Refira-se, no entanto, que qualquer destes conceitos possui marcas específicas.

Em torno do regulamento, será apresentado aos alunos o Regulamento interno da escola, no meu caso, Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas (<http://www.colegiodelamas.com/pdf/regulamentointerno.pdf>), onde constatarão a

organização em capítulos e os respetivos artigos em cada uma das partes, bem como a sua organização em função da Lei Geral e do Estatuto do Aluno.

Depois, termina-se esta abordagem com a projecção do esquema, do manual *Página Seguinte 10º ano*:

APRENDER

Regulamento

«Um regulamento é um texto normativo de uma instituição, associação ou colectividade, de cuja vontade depende a sua criação, publicação, alteração e revogação.»

M. Roque Laia, *Guia das Assembleias Gerais*

Tipo de Regulamento	
Gerais	Parciais
Regulam a vida e a actividade associativa. Ex.: Regulamento interno de uma escola	Regulam sectores particulares. Exs.: Regulamentos de bibliotecas e de concursos (de imprensa escrita, televisivos/ radiofónicos, de jogos, etc.)

O regulamento desenvolve princípios gerais que têm um carácter condicional e de circunstância. Difere dos estatutos que estabelecem princípios e ideias básicas.

Estrutura do regulamento		
Regulamento mais elaborado		Regulamento menos elaborado
Modelo 1	Modelo 2	
Preâmbulo	Princípios	Pode apresentar: * apenas normas * artigos com normas
Normas gerais	Normas	
Competências	Procedimento	
Direitos	Objectivo	
Deveres	Avaliação de resultados	
Sanções		
Disposições finais		
Ex.: Regulamento interno de uma escola		Ex.: Regulamento de propinas

Características do discurso
<ul style="list-style-type: none"> * Linguagem denotativa * Determinantes e pronomes indefinidos * Nomes abstractos (relativos a atitudes e comportamentos) * Adjectivação escassa * Verbos, predominantemente, nos modos Indicativo, Conjuntivo (Presente e Futuro) e Infinitivo * 3.ª pessoa * Frases do tipo declarativo * Coordenação e subordinação * Títulos e subtítulos * Quantificadores e adjectivos numerais * Referências espaciais e temporais

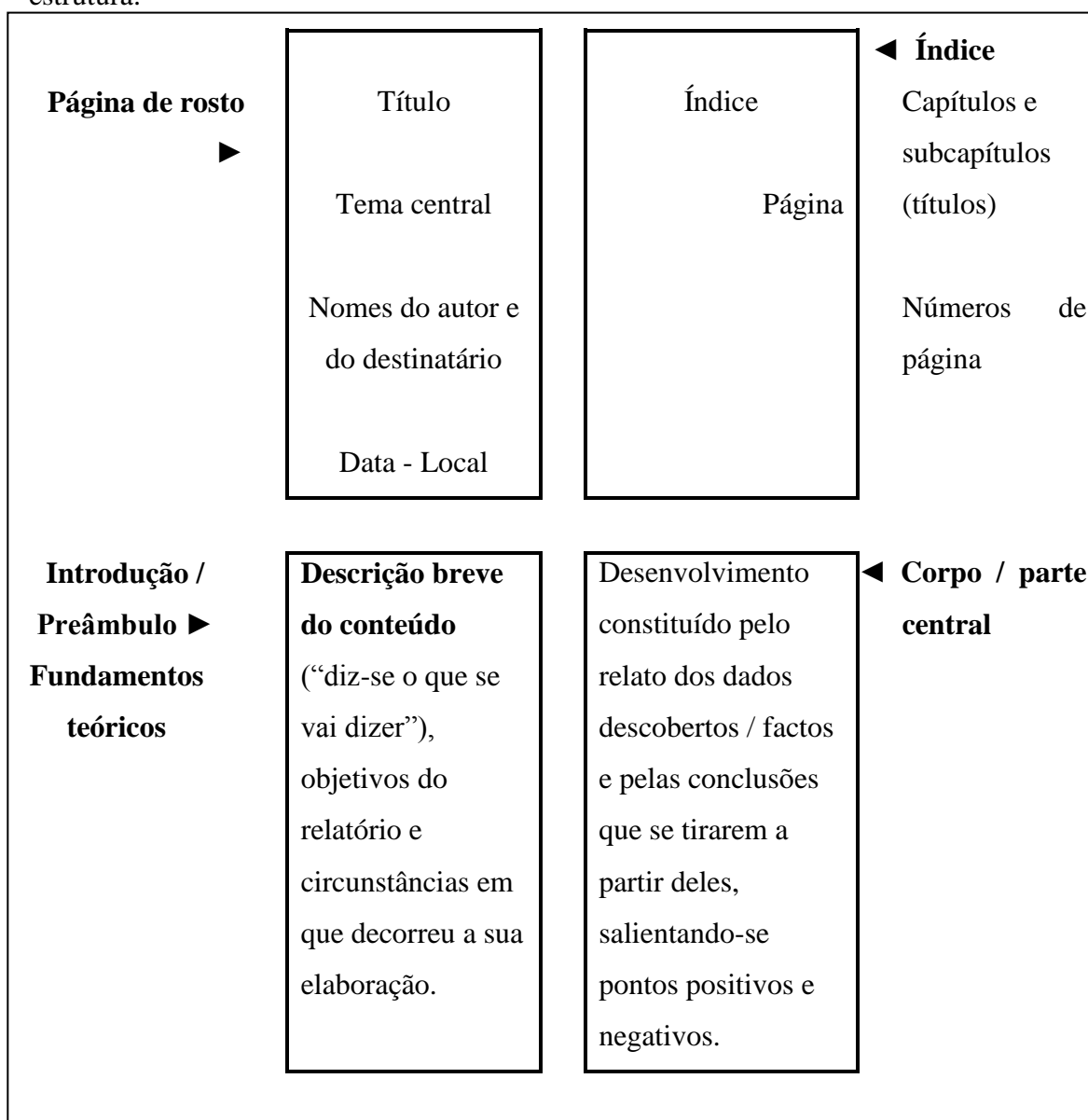
Figura 19, esquema sobre o Regulamento (Martins, 2010:57)

1.5. Relatório

O relatório, por ser um texto escrito que apresenta uma exposição circunstanciada e objetiva de algo visto, estudado, observado ou / e analisado, exige do relator uma apreciação crítica que integre sugestões de orientação para a ação.

Dependendo do fim a que se destinam e dos assuntos tratados, os relatórios podem ser de diversos tipos: relatório de atividades, relatório de investigação, relatório de visita de estudo, relatório crítico (de avaliação), relatório de estágio, relatório de contas, relatório de incidentes, relatório de participação em congressos ou conferências...

Independentemente do tipo de relatório a elaborar, este deve obedecer à seguinte estrutura:



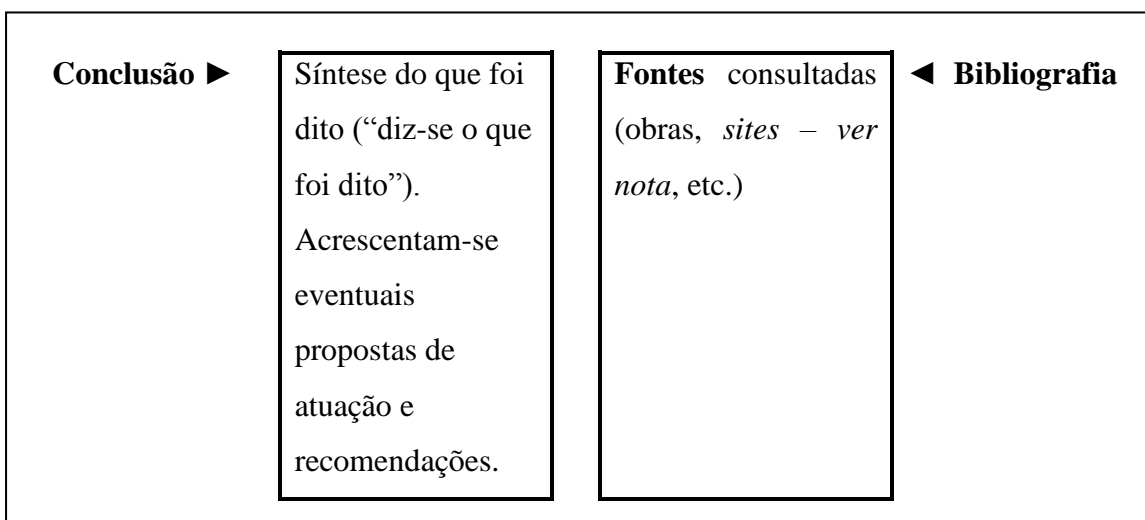


Figura 20, esquema sobre o Relatório

Caso o tipo de relatório o justifique, podem acrescentar-se anexos/apêndices e agradecimentos.

Há dois aspetos importantes na elaboração de um relatório: primeiro a apresentação e segundo a linguagem:

- margens não inferiores a 2,5 cm (espaço suficiente para a encadernação);
- cabeçalhos, títulos e subtítulos destacados, mantendo sempre o mesmo formato, enumerados com clareza, lógica e coerência e impressão variada (palavras a negrito, sublinhado ou itálico, ...);
- espaçamento interlinear de 1,5 ou duplo;
- páginas numeradas;
- vocabulário rigoroso e cuidado;
- utilização de verbos para destaque de pontos do desenvolvimento (*constatar, notar, observar, precisar, sublinhar, confirmar, lembrar,...*);
- pontuação cuidada;
- frases e parágrafos curtos e devidamente articulados, recorrendo a conectores / articuladores textuais que deem conta da intenção do relator e confirmem ao texto coesão e coerência.

Esta mesma informação pode ser abordada também pelo esquema síntese do manual *Página Seguinte 10º ano* que os alunos depois podem guardar no seu *E-portefólio*.

Relatório

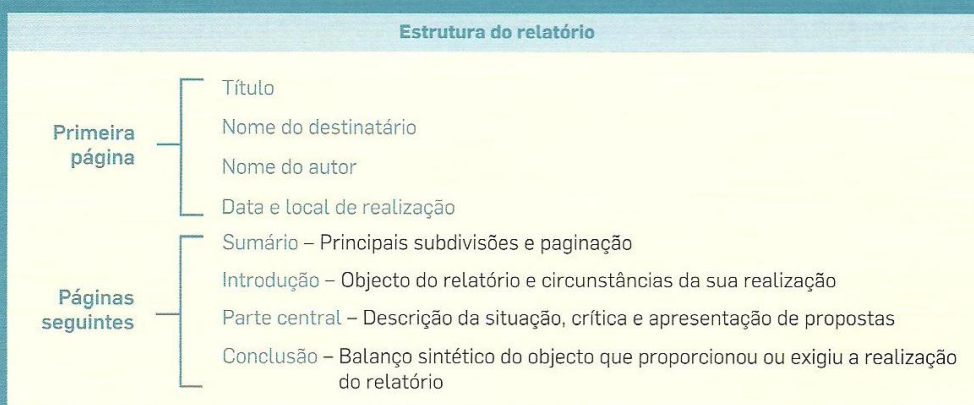
Um relatório é um texto em que se dá a conhecer, de modo pormenorizado ou sintético, as várias etapas de um trabalho ou investigação, de acordo com uma perspectiva mais ou menos crítica.

O relatório tem grande utilização na vida política, empresarial e nas actividades escolares.

Em política, o relatório é um documento sobre trabalhos relativos a propostas, projectos-lei. Nas empresas, o relatório constitui-se como uma publicação através da qual estas prestam contas das suas actividades ao público interno e externo. Dele fazem parte, por exemplo, a mensagem da Administração, as orientações empresariais próprias de cada empresa, o seu destaque no mercado, a infra-estrutura administrativa, avisos de assembleias-gerais e eventual mercado de acções.

Também na escola o relatório é usado: alunos e professores elaboram relatórios sobre diferentes actividades pedagógicas e formativas.

Tipos de relatório		
Crítico	Síntese	Formação
Texto descritivo e opinativo sobre uma actividade com o fim de dar a conhecer como esta foi desenvolvida.	Relatório menos elaborado sobre uma investigação, uma pesquisa ou sobre relatórios anteriores.	Texto mais ou menos pormenorizado que apresenta as actividades desenvolvidas durante um curso ou um estágio.



Características do discurso	
<ul style="list-style-type: none"> * Clareza * Exactidão * Concisão * Pertinência * Objectividade/Subjectividade * Estilo directo, simples e incisivo * Utilização da(s) 1.ª e / ou 3.ª pessoa(s) 	<ul style="list-style-type: none"> * Registo de língua (varia de acordo com a natureza do relatório): <ul style="list-style-type: none"> – normal/cuidado – linguagem técnica/científica * Verbos fortes: notar, observar, precisar, sublinhar, confirmar * O relatório deve apresentar a informação correctamente seleccionada de modo rigoroso, legível e apelativo

Figura 21, esquema sobre o Relatório (Martins, 2010:41)

Ao longo do ano letivo, os alunos realizarão algumas visitas de estudo. No âmbito da disciplina de Português deslocar-se-ão a Coimbra, realizando uma visita à casa de Miguel Torga e esse será o momento em que elaborarão, um relatório da visita

de estudo. Ainda, organizarão uma galeria de imagens com legendas e em que deem conta do percurso realizado. O documento poderá ser guardado em formato de *powerpoint* no *E-portefólio*.

1.6. Verbetes de dicionários e enciclopédias

O dicionário e a enciclopédia são obras de referência que incluem informação de fácil compreensão e em que cada entrada é denominada verbete. Assim, no dicionário, encontram-se listadas palavras e expressões de uma língua por ordem alfabética, com informação linguística sobre cada uma delas, como a respetiva significação ou tradução para outra língua, a classe a que pertencem, informação fonética, etimológica, etc. Na enciclopédia, a informação incide sobre todos os ramos do saber humano, ou um ramo específico do conhecimento. O verbete é, portanto, constituído pela entrada, palavra ou expressão acerca da qual se fornece informação, e o artigo, ou seja, o conjunto de informação disponibilizada para cada entrada.

O verbete pode ser acompanhado por fotografia, ilustração, mapas... O registo é sempre formal, linguagem clara e objetiva, embora utilize vocabulário técnico e/ou científico, mas acessível ao leitor comum.

Aquando da abordagem deste tópico, os alunos recordarão a consulta que ao longo dos vários anos de ensino sempre realizaram, sobretudo no dicionário em papel. O desafio é agora perceber como a informação se organiza e a forma como pode ser uma mais-valia para o processo de ensino e de aprendizagem. O professor explica, por exemplo, através do *site* da Porto Editora a entrada na *Infopedia* e tudo o que esta ferramenta disponível gratuitamente representa para esclarecer dúvidas, seja através dos diferentes dicionários seja através da possibilidade de consultar a enciclopédia. Para além disso, percebem, ainda, que ao copiar a informação para o *E-portefólio* devem ter cuidado na forma como a citam.

1.7. Artigos científicos e técnicos

O artigo de divulgação científica tem como objetivo divulgar o conhecimento científico e tecnológico a públicos não especializados, ou seja, a cidadãos comuns. A pertinência desta tipologia de texto passa pela possibilidade de expor o pensamento pessoal ou argumentação de quem o elabora, apoiado em autores conceituados, com

quem se concorda, discorda ou se tem divergências. Surge, muitas vezes, como resultado de investigações experimentais originais, de estudos de caso, de defesa de uma opinião, de trabalhos de revisão bibliográfica, de análise ou de atualização a partir de novas descobertas e informações.

No artigo científico ou técnico é fundamental saber o assunto (o que se quer comunicar), o destinatário (a quem se quer comunicar) e o objetivo (para que se quer comunicar). Para além disso, deve ser estruturado de forma coerente, obedecendo a uma sequencialização articulada entre as partes; assentando em critérios de validação científica e conceitos precisos, implica, por isso, que as afirmações sejam sustentadas e interrelacionadas, tendo como suporte um referencial teórico consistente. A linguagem, dentro da especificidade científica ou técnica, deve ser coerente, objetiva, precisa, clara e correta.

O artigo científico ou técnico segue uma metodologia definida e rigorosa, apresentando reflexões e resultados de investigação de carácter teórico e/ou experimental. Quer apresente uma estrutura mais simples ou mais elaborada, tem de ser sempre um texto coerente e em perfeita articulação com a sua organização interna, pois trata-se de expor pesquisa de campo ou experimental e resultados obtidos. Neste contexto, os estudantes terão de contactar com um esquema de produção textual mais exaustivo de que fazem parte itens como: (i) *Título* que tem de refletir, adequadamente, o assunto; (ii) *Resumo* que sintetiza o estudo, (iii) o Corpo do trabalho de que consta a apresentação do objeto de estudo, as hipóteses, o suporte teórico e metodológico, os dados obtidos e sua análise e a conclusão, confirmando ou infirmando as hipóteses iniciais; (iv) Bibliografia usada na elaboração; (v) eventuais anexos.

Este conteúdo programático relaciona-se com uma das sequências do programa, **Textos dos Media**, e aqui as possibilidades de usar as TIC são várias. Para além dos textos sugeridos por cada um dos manuais, o professor pode adequar outros textos de acordo com a natureza do curso dos alunos, utilizando as tecnologias, sobretudo o computador e o quadro interativo na sala de aula como fator de motivação e interesse para a abordagem do tema. É possível usar o processador de texto para desenvolver exercícios de conhecimento das diferentes partes constitutivas do texto e buscar uma reorganização de capítulos e secções, de acordo com a sua ordem lógica. Tal como em conteúdos anteriores, a organização do *E-Portefólio* mantém-se. Estas abordagens são algumas das possibilidades para os alunos reunirem um conjunto de textos que lhes

agrade, comentando e treinando a estruturação do texto, a leitura e a escrita enquanto são alertados para diversas estruturas textuais.

2. Textos Literários

O estudo do texto literário, tendo como grande objetivo a formação de leitores, será, sempre, o ponto de partida para aprofundar a língua e as diferentes épocas e culturas nele representadas. O projeto, que se aplica ao 10º ano, estendendo-se ao longo do ensino secundário, fomenta o texto literário como um lugar de encontro entre épocas, países e culturas, portanto, princípio de referência intertextual, interdisciplinar e multicultural capaz de proporcionar diferentes visões, ajudando a situarmo-nos na nossa época e no mundo do qual fazemos parte.

2.1. Autobiográficos

Os textos autobiográficos desenvolvem-se em torno do Eu, utilizando discurso, forma verbal, determinantes e pronomes de 1ª pessoa. Nesta tipologia de textos, o Eu pode evidenciar:

- uma profunda introspeção;
- conflitualidade / busca de paz interior;
- reflexão / meditação;
- individualidade / identidade;
- sentimentos / emoções;
- percepções / sensações / captação de sentido;
- percursos / etapas / momento de vida particular;
- relação consigo próprio / com outros;
- recordação de vivências marcantes;
- atitudes e comportamentos.

O texto autobiográfico privilegia uma linguagem conotativa e emotiva, recorrendo a nomes abstratos, adjetivação expressiva, verbos no domínio do «ser» (definição / permanência) e do «estar» (caraterização do momento) e pontuação sugestiva, bem como frases de tipo exclamativo e interrogativo e figuras de estilo como a metáfora, hipérbole, comparação, enumeração...

2.1.1. Diário

O diário, sendo um género autobiográfico, revela toda a escrita organizada em função do 'eu' que (se) escreve. Assim, apresenta uma visão do 'eu', dos outros e do mundo absolutamente subjetiva, revestindo-se, muitas vezes, de um carácter intimista, outras, descritivo (impressões de viagem, relato de experiências várias – profissionais, desportivas ou outras) ou, ainda, reflexivo (reflexões mais ou menos filosóficas determinadas por vivências ou por leituras).

O texto do diário, situado no espaço e no tempo, pela datação de cada segmento, tem um carácter fragmentário, e muitas vezes descontínuo, na medida em que a cada dia corresponde uma experiência, uma reflexão, uma confiança, que pode ou não ter continuidade em outros dias.

Até ao século XIX, a escrita diarística apresenta-se utilitária, seja como prolongamento da memória seja para preservar a personalidade ou ajudar a aliviar o sofrimento. São disso exemplo, os diários da adolescência que ajudam a desabafar os problemas íntimos ou servem de cofre íntimo, face à incomunicabilidade com os outros. A partir do século XIX, o diário íntimo começa a ter bastante divulgação com diversos escritores importantes que a ele se dedicam e publicam. No século XX, apresenta-se já como um género literário que concilia o intimismo com o diálogo exterior com o público. O diário deixou de ser um diálogo consigo mesmo tornando-se um diálogo de si com outrem (imaginário).

Muitos escritores utilizaram esta tipologia textual para registarem as suas reflexões sobre o mundo, os acontecimentos e as pessoas: Miguel Torga que, entre 1941 e 1993, publicou dezasseis volumes do seu *Diário*; Sebastião da Gama, cujo *Diário* apenas seria publicado em 1958, após a morte do autor; José Saramago que, entre 1994 e 1998, publicou cinco volumes dos *Cadernos de Lanzarote*. O século XXI parece ser já o da grande divulgação de páginas íntimas, de opiniões, de reflexões, utilizando as novas potencialidades que a Internet permite: a *blogosfera* é um mundo novo em franca expansão. Em novembro de 2005, no "Jornal de Notícias", Francisco José Viegas afirmava que o mundo dos *blogs* permite "*a travessia imediata da internet por cidadãos anónimos ou com nome que, diariamente, dão opinião, escrevem sobre todos os assuntos (de política a medicina, de sociologia a arquitetura, de literatura – sobretudo – ao dia a dia de gente que não conhecemos)*".

Na abordagem às características deste texto autobiográfico, segue-se a leitura e interpretação de excertos constantes no manual adotado, como, por exemplo, de Miguel Torga, da obra *Diário XVI*, de Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente IV*, de José María Sanchez, *Diários de Viagem*, de Anne Frank, *Diário de Anne Frank*. As TIC são agora muito importantes para envolver os alunos, seja em formato áudio, seja através de excertos de alguns filmes feitos através da escrita diarística. Para além disso, propõe-se aos alunos a realização de uma página de diário, e será lançado o desafio para a construção de um *blogue* que, dependendo da turma, pode ser individual ou de grupo e onde, em cada dia, farão uma síntese dos principais momentos vividos.

2.1.2. Memória

A memória, enquanto forma discursiva, fixa vivências, ficcionando-as em interpretações que cruzam momentos, desdobram a realidade e valorizam múltiplos registos narrativos. A memória surge como um escrito que permite ao seu autor recuperar e juntar pedaços que relatam acontecimentos considerados dignos de lembrança e por permitir a representação de evocações que a capacidade mnemónica apreendeu e fixou, conservando-as em latência. De facto, a memória permite identificar vivências e experiências passadas, estabelecendo ligações entre tempos, espaços, factos e pessoas, facilitando, por um lado, a construção de novos sentidos para o presente da vida humana e transformando-se, por outro, numa obra histórica que, situada no presente da memória, recorre ao passado para olhar o futuro.

Na exploração desta tipologia de textos, os alunos poderão ser convidados a fazer um *movie maker*, reunindo fotografias de um álbum familiar e também um texto em que repercutam as características da memória sob, por exemplo, o título “O meu primeiro dia de aulas”.

Para constar no *E-Portefólio*, fica uma vez mais um esquema síntese do livro *Página Seguinte 10º ano*:

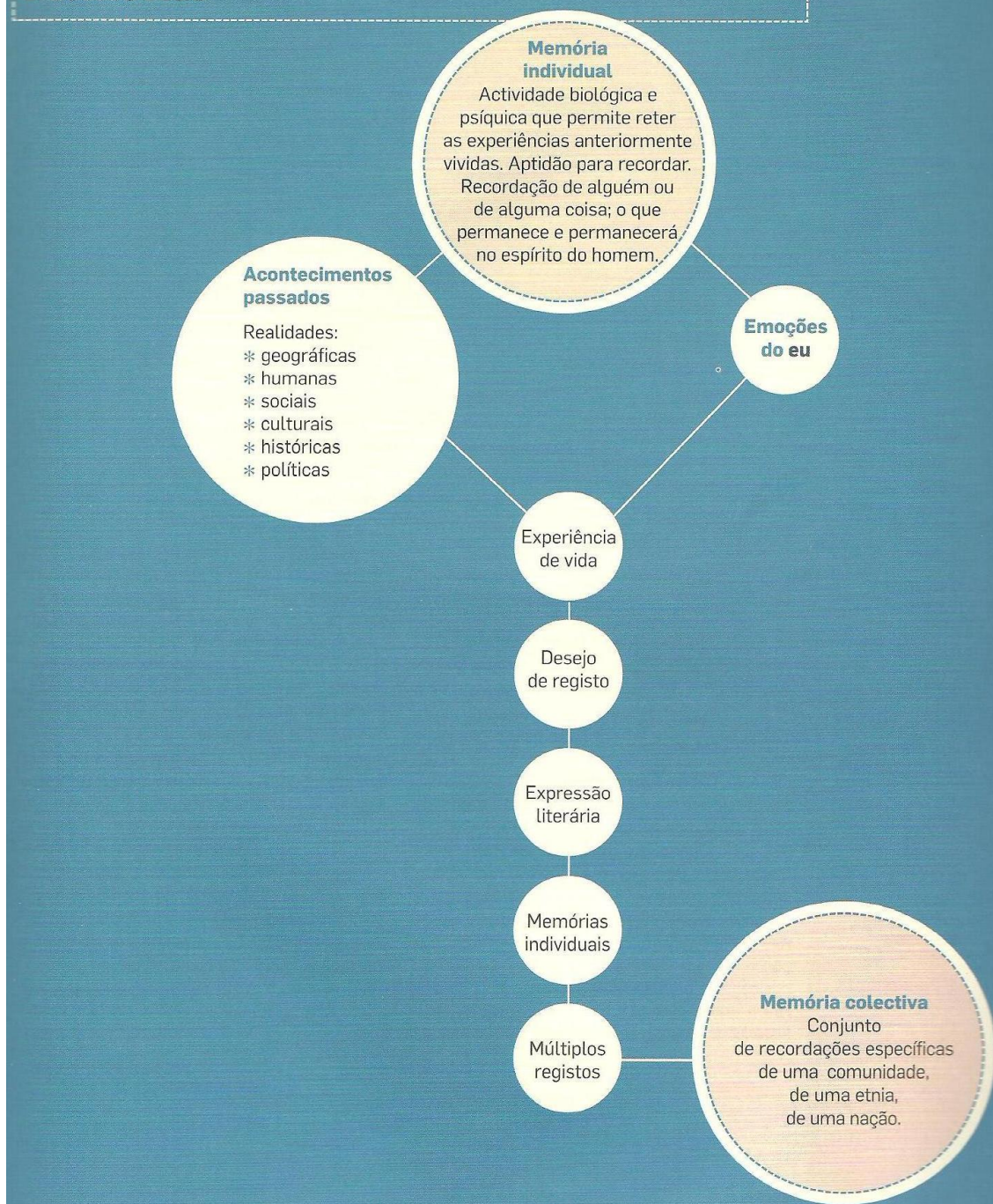


Figura 22, esquema sobre a Memória (Martins, 2010:81)

2.1.3. Carta

Por ser um meio de comunicar por escrito com o semelhante, a Carta apresenta um forte pendor intimista, exprimindo sentimentos, dando ou pedindo informações na

comunicação com amigos e/ou familiares, estabelecendo relações comerciais ou profissionais, servindo também para apresentar reclamações formais.

Existem as cartas formais e informais, enquanto tipologias diversas. Apesar de ser um meio de comunicação, a carta pode conter graus de formalidade que determinam adequação quanto ao assunto, à situação, ao destinatário, etc..

A carta evoluiu da sua função pragmática para a relevante dimensão estética e reflexiva, ao ser adotada por artistas literários e por pensadores enquanto suporte textual para obras narrativas e reflexão ideológica. A epistolografia, de origem clássica ou bíblica, utilizada literariamente desde o Renascimento por poetas que escreveram cartas utilizando a estrutura da poesia (como Sá de Miranda), continuou a sua tradição entre filósofos e ficcionistas, alcançando, sobretudo no século XVIII, em grande parte da literatura europeia, destacada importância como modo de escrita de tratados e ensaios e de obras ficcionais. Ao longo do século XIX o romance utilizará a carta principalmente como recurso da narrativa voltada para o convencimento do leitor, para acentuar passagens de maior dramaticidade (como, por exemplo, em *Amor de Perdição*, de Camilo, as cartas de Teresa a Simão) ou como estratégia ficcional na experiência de novos recursos narrativos (*A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queirós). Na literatura moderna / contemporânea, os autores vão enriquecê-la, ampliando-lhe as possibilidades estruturais e poéticas. É o que se encontra em Vergílio Ferreira, herdeiro e continuador dessa tradição literária, na retomada do texto epistolar na escritura ficcional e ensaística.

A propósito desta tipologia de texto, os alunos serão convidados a ler e interpretar os textos que constam do manual adotado, refletindo e desenvolvendo, no âmbito da escrita, textos de opinião a partir da carta enquanto meio de comunicação, atualizado/desatualizado, e contrapondo-a ao telemóvel, ao *email* e à eficácia e rapidez das mensagens, realçando aspetos positivos e negativos da carta e dos modernos meios de comunicação que a poderão, ou não, substituir.

A síntese será feita com o esquema:

APRENDER

Carta

Funções	Tipos
<ul style="list-style-type: none"> * comunicar com amigos e/ou familiares * exprimir sentimentos * dar ou pedir informações * estabelecer relações comerciais ou profissionais * reclamar junto de uma empresa 	<ul style="list-style-type: none"> * Formal * Informal

	Formas de Tratamento	
	Carta Informal	Carta Formal
Saudação	Querido(a) / Queridos(as) ... Olá... Estimado(a) amigo(a)...	Excelentíssimo(a) Senhor(a) Senhor(a) Director(a) Exmo(a) Senhor(a) Presidente
Despedida	Beijinhos/Muitos beijos Um grande abraço	Com os melhores cumprimentos Atentamente, subscrevo-me Antecipadamente grato(a) Atenciosamente

Estrutura	
Carta Informal	Carta Formal
Local e Data Saudação inicial - Identificação do Destinatário Corpo da carta Despedida Assinatura do Remetente	Identificação da Empresa/Entidade Assunto Local e Data Saudação inicial - Identificação do Destinatário Corpo da carta Despedida Assinatura do Remetente/Representante da Empresa /Entidade

O envelope

- * O envelope deve identificar: o remetente (ao cimo, do lado esquerdo) e o destinatário (do lado direito) – nome, morada e código postal.
- * O remetente é a pessoa ou entidade que envia a carta.
- * O destinatário é a pessoa ou entidade a quem é dirigida a carta.

Telegrama / fax / E-mail

O telegrama era a forma de comunicação escrita mais rápida antes de surgirem as mais modernas tecnologias de comunicação: Internet, telemóvel (mensagens escritas) e fax. O fax é uma forma de comunicação usada principalmente pelas empresas e instituições. Actualmente, o e-mail permite uma comunicação mais rápida, preferida pela maior parte da população.

Figura 23, esquema sobre a Carta (Martins, 2010:108)

2.1.4. Autorretrato

O autorretrato, procurando revelar o que captou da expressão mais profunda de si mesmo enquanto artista, descreve o aspeto e o carácter do próprio retratista. No autorretrato, o artista procura mostrar-se (ou descobrir-se) de uma forma mais nítida, mais verdadeira, podendo mesmo não gostar daquilo que vê, não aprovando, e/ou modificando a imagem que de si encontrou.

Muito usado na pintura, na literatura ou na escultura, o autorretrato acaba por representar não a imagem real, mas o que o artista vê, aceita, assume ou tenta alterar de si mesmo. Na realidade, existe sempre algum temor em cada autorretrato, pintura, fotografia ou escultura. Teme-se a análise introspetiva, teme-se o conhecimento que ultrapasse a barreira da fantasia, que faça desmoronar um ideal. Como não é um desafio fácil para o artista, este tende a esconder ou disfarçar alguns traços físicos ou psicológicos.

Este é um pretexto excelente para o professor exercitar com os estudantes a leitura de imagens, alertando para o uso da linguagem conotativa e denotativa bem como as funções imagéticas no quotidiano, conduzindo-os para análises diversas, de que a linguagem publicitária é particularmente rica e acessível.

Leitura de imagem	
* Denotativa Enumeração e/ou descrição simples dos elementos constituintes	* Conotativa Carácter subjectivo, influenciada e sujeita a múltiplas interpretações, dependente de variados factores (históricos, sociais, culturais, religiosos e outros)

Percurso para a leitura da imagem
* Percepção da imagem através dos sentidos * Identificação do tema ou motivo e do suporte da imagem
* Captação do enquadramento, planos, sectores, cromatismos, contrastes (luz/sombra), texturas e outros constituintes
* Descrição simples dos elementos constituintes * Apreciação interpretativa e subjectiva, múltipla, sujeita a variados olhares e sensibilidades

Algumas funções das imagens	Exemplos
Informativa	Fotografias que ilustram notícias ou reportagens
Explicativa	Imagens que ilustram textos científicos
Argumentativa	Imagens de anúncios publicitários
Crítica	Cartoon, desenho humorístico
Estética	Pintura, escultura
Simbólica	Bandeiras, brasões, logótipos

Figura 24, esquema sobre a Leitura de Imagem (Martins, 2010:351)

Na aula, serão lidos e analisados diferentes tipologias de textos, narrativos e líricos, bem como interpretação de imagens – autorretratos. No âmbito da escrita, os alunos serão convidados a elaborar, num texto descritivo, um autorretrato físico e psicológico e/ou análises de imagens e das suas funções. Esta atividade pode envolver, ainda, uma espécie de jogo, ou seja, um texto, sem identificação e lido por um colega, de forma arbitrária para se descobrir quem retrata. O texto elaborado será de complemento ao blogue de cada um e integrará, também, o *E-Portefólio*.

A visualização do esquema que se segue elucida a compreensão e sistematização desta tipologia de texto:

Individual / auto-retrato	
Corpo inteiro/Meio corpo	Cabeça/rostro
<p>Aspectos a considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Planos e sectores – primeiro e/ou segundo plano; sector(es) * Posição (pose) – de frente, de costas, de perfil * Proporções – altura, largura, tamanhos * Partes do corpo – cabeça (cabelo e rosto), tronco e membros superiores e inferiores (corpo inteiro) ou só superior(es) e mãos (meio corpo). * As diferentes posturas do tronco, o posicionamento e os movimentos da cabeça dos braços, dos pés revelam/podem revelar diferentes estados de espírito. * Cor da pele (carnações) * Vestuário, adornos e outros objectos (indicam, normalmente, o estatuto social.) * Cores utilizadas e valorizadas * Incidências da luz/sombra(s) * Perspectiva 	<p>Aspectos a considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Forma e tamanho – cabeça masculina, feminina e infantil. * Cabelo (tamanho, volume, cor, tom, brilho, reflexos e penteado) * Rosto – testa, sobrancelhas, pestanas, olhos(forma, cor) e nariz (tamanho e forma), boca (tamanho), lábios (superior/inferior, finos /carnudos), dentes (tamanho e forma) riso/sorriso, faces, queixo, orelhas (pequenas, grandes), bigode, barba (homem), papos, rugas, sulcos e sinais. * Traços fisionómicos (mais ou menos acentuados) * Marcas de expressão (traços identificadores da idade, do temperamento e/ou de estados de espírito). * Pescoço – tamanho e largura * Pele – cor, tom e textura
Grupo / multidão	
<p>Aspectos a considerar:</p> <p>Elementos constituintes: figuras, espaço, atmosfera</p> <ul style="list-style-type: none"> * Figuras – conjunto de indivíduos (masculino e/ou feminino, principal/secundárias) rostos (carnações, feições, expressões fisionómicas, vestuário), posições, formas, tamanhos, volumes, cores, ângulos de observação, estatismo/dinamismo * Espaço envolvente (definido pelo contraste da luz) – enquadramento, planos, sectores, limites, continuidade/descontinuidade, fundo, profundidade, harmonia, coerência * Atmosferas – interiores/exteriores, luz, contraluz, sombra, penumbra, matizes e reflexos 	

Figura 25, esquema sobre o Retrato (Martins, 2010:119)

2.2. Líricos

Os textos expressivos e criativos constituem uma das sequências mais complexas no programa de 10º ano. De facto, a natureza deste tipo de textos deve envolver professor e alunos de forma criativa e com o objetivo de descortinar o seu sentido. A este propósito, o texto de Nuno Júdice na revista *Relâmpago*, é esclarecedor e pode muito bem ser o ponto de partida para desmistificar a abordagem aos textos líricos:

FALAR DE POESIA

Antes de tudo, não falar. O poema tem todas as palavras necessárias para que não seja preciso dizer mais nada, partir dele.

Depois, falar devagar.

Falar da sua construção. Procurar a origem do poema por dentro do que ele nos diz.

Falar com o poema. Falar de cada palavra, de cada verso. Encontrar através deles os fios de uma lógica que não passa apenas pelo sentido ou pelo que é dito, mas sobretudo pelo que só a perceção instintiva, sensorial, pode captar, no que está para além do que é dito e se solta das próprias palavras.

Ouvir o poema para poder falar dele.

Ignorar todos os discursos sobre o poema e sobre a poesia. Esse lixo verbal só nos impede de ouvir o que o poema tem para dizer.

Depois de falar do poema, e só depois, procurar saber o que outros disseram? Pura curiosidade.

Procurar, como um suplemento de curiosidade, o que os próprios poetas disseram do poema e da poesia.

Se tivermos sabido, com essa leitura, alguma coisa para além do que o poema nos disse, desconfiemos do poema.

Um poema, quando o é, diz tudo o que há para saber sobre si.
(Júdice, 2000)

O discurso expressivo, breve e conciso aliado à musicalidade e ritmo exprime emoções e sentimentos, desejos, pensamentos. É, no fundo, o mundo interior do “Eu” que revela o seu olhar sobre tudo o que o rodeia e com o qual chega mesmo a confundir-se. Assim, é fundamental sensibilizar os estudantes para o verso e para os seus recursos sonoros e textuais, como rima, métrica, ritmo, musicalidade e figuras de linguagem que favorecem, na poesia, o tratamento desta expressão de sentimentos, das emoções e pensamentos.

Deste modo, a poesia surge no programa de 10º ano em duas vertentes. A primeira na poesia do século XVI, século de ouro da nossa literatura, com o poeta Luís de Camões, a outra, a poesia do século XX, onde são vários os poetas que se

notabilizaram e constituem, de facto, manancial para muitas explorações e a cativarem os nossos alunos, pois alguns deles ainda estão entre nós.

2.2.1. Poesia camoniana

2.2.1.1. Vida e obra de Camões

A poesia de Camões surge no programa de 10º ano enquanto texto literário de cariz autobiográfico. A obra camoniana é uma das grandes referências literárias no programa, permitindo, a partir daqui – século XVI, fazer um percurso pela nossa literatura até aos dias de hoje.

Estudar Luís Vaz de Camões é envolver os alunos na descoberta da sua vida através da sua obra. De facto, a sua vida está ainda envolta em mistério, onde parte da informação é suposição e hipótese, que advêm, muitas vezes, de probabilidades.

Nesta perspetiva, os alunos, sob orientação do professor, realizarão uma pesquisa sobre referências autobiográficas na poesia de Camões, seja em antologias, seja através do computador. O objetivo passará por organizar, em trabalho de grupo, um documento em formato *word*, de modo a que se constitua uma ficha informativa sob o título “Camões através da sua obra”. A este propósito, o professor fornecerá, no final, um modelo que assente nas informações que se seguem:

Camões era filho de Simão Vaz de Camões, descendente de um fidalgo galego, que veio para Portugal no tempo de D. Fernando, *O Formoso*; a mãe, Ana de Sá, como se depreende de um alvará datado de 31 de maio de 1582, altura em que Filipe I lhe dá uma tensa de 6000 réis: “hei por bem e me praz fazer mercê Ana de Sá, mãe de Luís de Camões (...) havendo respeito aos serviços que ele fez na Índia e no reino (...)”. Alguns chamam-lhe Ana de Macedo.

Não se sabe muito bem onde nasceu o poeta. Pensa-se que pode ter sido Lisboa a sua terra natal.

Mas que ele maldisse logo o dia em que nasceu, sente-se nestes versos carregados de tanta dor e desespero, lembrando já os poetas românticos:

“O dia em que nasci, moura e pereça,
não o queira jamais o tempo dar,
não torne mais ao mundo e se tornar,
eclipse nesse passo o sol padeça.”

E no último terceto, ele grita aos céus, a sua triste sina:

“Ó gente temerosa, não te espantes,
que este dia deitou ao mundo a vida
mais desgraçada que jamais se viu!”

Teria frequentado as aulas de Santa Cruz, em Coimbra, onde funcionavam as cadeiras de Gramática, Lógica, Latim, Grego, Hebreu e Teologia e as faculdades de Medicina, Cânones, Leis e Matemática. Pensa-se que abandonou por volta de 1545, para ir viver para a corte onde fez versos e se apaixonou e seduziu algumas beldades... mas que criou muitos inimigos e despoletou ódios, é o que parece deduzir-se dos conflitos com Pero Andrade de Caminha, talvez invejoso da arte de Camões. O poeta queixa-se do desatino onde vive:

“Cá neste escuro caos de confusão,
cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, ó Sião!”

Camões, um poeta de “tão múltiplas vozes”, como dizia David Mourão Ferreira ou de “múltiplas máscaras”, “um poeta como constelação de vários poetas”.

É quase sempre a imagem do destino, do desconcerto que parece ter tecido o seu caminho. E é essa luta com a “Sorte” que vai caracterizar a sua vida, toda regulada pela “fortuna”, nada há mais a fazer, ele fica entregue nas suas mãos:

“O mundo, a natureza, aquilo que ao homem é dado, no tempo, e no espaço, pela experiência, é regulado por essa força incompreensível (a fortuna)”, ele é um joguete nas mãos da fortuna, do destino.

Através da sua obra, vê-se que Camões se sente sufocado, emparedado, num grande sofrimento. Tudo parecia contra ele e faltava-lhe mundo para ser verdadeiramente:

“A piedade humana me faltava,
a gente amiga já contrária via,
no primeiro perigo; e, no segundo,
terra em que pôr os pés me falecia,
ar para respirar se me negava
e faltava-me, enfim, o tempo e o mundo.”

O ser expande-se e o mundo não o acompanha, sente-se apertado e o tempo não chega para tanto “ser”. Sentimos bem esta grande dimensão do sujeito, que ultrapassa o tempo e o mundo... esse tempo que “Corre sem vela e sem lume / O tempo

desordenado / Dum grande vento levado / O que perigo não teme / E de pouco exterminado.”

Depois, é a sensação de não acertar com a vida, e o tempo se não compadecer: “Errei todo o discurso dos meus anos.”

Em Camões pressentimos já a sua duplicidade, a contradição do ser, ele denuncia a falsidade, a hipocrisia a pontos de alertar o rei: “E guarde-se, não seja ainda comido / desses cães que agora ama e consumido.”

A Fortuna nunca o deixará construir nada. Para quê esperança, planos, se a má sorte o espia e tudo lhe destrói. E para quê se tudo muda, numa desordem permanente, e se muda para pior e a “Fortuna, o caso, tempo e sorte / têm do confuso mundo o regimento.”

O tempo é desconcertante, absurdo, nada é como deveria ser, neste “tempo errado”. Como pode ele compreender este caos onde os maus são sempre recompensados e os bons punidos?

“Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos;
e, para mais m’espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.”

Mas é o amor que vai comandar toda a vida do poeta. Na corte esteve só quatro anos, depois foi desterrado para o Ribatejo, parece que desesperado pela paixão violenta que a formosa Dona Catarina de Ataíde lhe provocara e que ele imortalizará sob o anagrama de Natércia. Depois parece que pediu a comutação da pena e alistou-se como soldado e foi para Ceuta.

Regressa a Lisboa e, passados dois anos, ainda havia ressentimentos de seus inimigos. Mete-se, entretanto, numa vida de boémia, de que nos fala nas suas *Cartas II* e *III*. Chamavam-lhe Trinca-Fortes e Cara sem Olhos, acusavam-no de se meter com “damas de aluguer”.

A má sorte perseguia-o mesmo. Numa tarde de junho de 1552, na procissão do *Corpus Christi*, dois indivíduos mascarados e a cavalo envolveram-se numa rixa, ele presenciara o conflito e interveio, puxou da espada e feriu um deles no pescoço. Foi levado para a prisão do Tronco, acabou por sair com uma carta de perdão de el-rei “por ser homem mancebo e pobre que se propunha ir servir para a Índia”. Esta carta está

assinada por D. João III com a data de 7 de março de 1553. O ferido “tinha carrego dos arreios do rei”.

Em 24 de março de 1553 parte para o Oriente na nau de S. Bento. Queria fugir a uma vida que não lhe agradava. Foi uma viagem difícil e até fez uma elegia, inspirando-se numa tempestade que se desencadeou, próximo do cabo da Boa Esperança: “O poeta Simónides falando.”

Não teve sorte por essas terras longínquas e Goa dececionou-o, essa “...Babilónia onde mana / Matéria a quanto mal o mundo cria.”

Passa pelo cabo Guardafui, no mar Vermelho, onde desesperado, muito só e cheio de saudades da pátria, escreve uma das suas mais belas canções: “Junto de um seco, fero e estéril monte.”

E chegou a ter até grandes amigos, como o vice-rei D. Francisco Coutinho, colaborando nas festas de investidura de D. Francisco Barreto, no cargo de Governador da Índia (1555). Fala-se que foi numa gruta de Macau que o poeta teria escrito grande parte do seu poema épico.

Regressou à Índia. Alude ao naufrágio no rio Mecom em que salvou o seu poema das águas revoltas, mas teria perdido para sempre a sua Dinamene:

“Ah! Minha Dinamene! Assim deixaste
Quem não deixará nunca de querer-te
Ah! Ninfa minha! Já não posso ver-te,
Tão asinha esta vida desprezaste!”

É encontrado na ilha de Moçambique, roto, doente, numa grande miséria, em 1567, vindo de Goa. Diogo Couto refere-se a ele como: “este grande poeta e meu velho amigo” e, estava “tão pobre que comia de amigos”.

E mais do que ninguém, Camões sentiu, como emigrante da sua pátria, a força, o mito da sua terra natal, do seu “pátrio ninho amado”. Ele é o “peregrino vago e errante / vendo nações, linguagens e costumes / céus vários, qualidades diferentes”.

Acompanhamo-lo na sua solidão por terras estrangeiras e parece falar connosco de lá de tão longe, num eco que atravessa o tempo:

“dali me vou com passo carregado
a um outeiro erguido.”

Cheio de saudade do seu canto pátrio, ele desabafa a sua dor com a Natureza, à maneira da donzela dos cantares de amigo:

“Ó fugitivas ondas esperai!

que, pois me não levais em companhia,
ao menos estas lágrimas levai,
até que venha aquele alegre dia
que eu vá onde vós is” ...

Homem venturoso, a quem a Fortuna/sorte/destino parecem não o favorecer em nada:

“Corri pelas terras e mares apartados,
buscando à vida algum remédio ou cura;
mas aquilo que, enfim, não quer ventura,
não o alcançam trabalhos arriscados.”

Quando regressa a Portugal, em 1569, fica desiludido e desabafa a sua dor, é que viu a sua pátria, metida:

“No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera, apagada e vil tristeza.”

Data de 24 de setembro de 1571 o alvará de privilégio para a publicação da sua obra *Os Lusíadas* e, no ano seguinte, saíram do prelo duas edições.

D. Sebastião, a quem ele dedicara a obra, deu-lhe a pensão anual de 15000 réis, renovável, mas muito pequena se a compararmos com outras da mesma época. A lenda fala-nos de um escravo javanês, Jau, que o poeta teria trazido consigo, e que andaria a mendigar de noite pelas ruas de Lisboa, pedindo uma esmola para o seu amo.

Camões ainda assistiu aos últimos dias da sua pátria agonizante, como exprime na dramatizada expressão: “Mouro, mas mouro co’ a Pátria.”

No dia 10 de junho de 1580, Camões morreu muito pobre, esquecido por todos, ele que era o maior génio português. Foi sepultado, segundo testemunho de Diogo Couto, “à porta do mosteiro de Santa Ana, da banda de fora chamante” e às custas de uma instituição de beneficência.

Algum tempo depois, D. Gonçalo Coutinho, um fidalgo seu amigo das letras, mandou-lhe esculpir na pedra o seguinte epitáfio:

“Aqui jaz Luís de Camões príncipe dos Poetas
De seu tempo. Viveu pobre e miseravelmente.
E assim morreu.
Esta campa lhe mandou pôr D. Gonçalo Coutinho
Na qual se não enterrará pessoa alguma.”

2.2.1.2. Influências na lírica camoniana

Camões é um dos maiores poetas portugueses de sempre, como afirma o Professor Hélder Macedo, nos seus estudos e que defendeu no Documentário exibido pela RTP1, aquando das celebrações dos 50 anos, no Programa Os Grandes Portugueses, em 2007⁹. Para ele “Camões excede todas as ideologias” e é o “pioneiro da moderna consciência universalista”.

No entanto, no dizer de Maria Vitalina Matos, na obra *A Lírica de Luís de Camões*, “(...) a lírica camoniana é bem uma lírica de imitação: cultivou quase todos os géneros restaurados (a écloga, a elegia, a ode) e as formas fixas novas (soneto, terceto, oitava-rima, canção); traduziu ou adaptou muitos poemas de Petrarca (...), fez uso abundante do arsenal mitológico da Antiguidade. (...). Descreveu a mulher segundo as convenções temáticas e formas do petrarquismo (...) foi neoplatónico (...)”. (Matos, 1981:20-21)

a) Influência tradicional na lírica camoniana

As primeiras composições poéticas na nossa literatura remontam aos finais do século XII, designadas por poesia trovadoresca. Depois, em meados do século XV surge, para animar os faustosos serões da corte, a poesia palaciana, que com algumas características próprias, dá seguimento a temas cantados pelos trovadores, como o amor ou a saudade.

Camões, como autor do Renascimento, não pôs de lado na sua poesia esta herança literária medieval. De facto, parte da sua obra apresenta uma estrutura métrica e estrófica usada pela poesia palaciana, a denominada *medida velha*, versos de cinco ou sete sílabas métricas (redondilha menor ou maior) organizados em mote e voltas. Para além da forma, os temas são, também, de influência tradicional, onde é evidente o aproveitamento da temática da poesia trovadoresca, nomeadamente das cantigas de amigo – a rapariga do meio rural que vai à fonte buscar água ou lavar a roupa, a jovem que chora pela ausência do amigo e confia as suas mágoas à mãe, às amigas, à natureza, ou ainda, a submissão amorosa, o cativo de amor, o Amor “posto em giolhos”, perante a beleza sobrenatural da amada. Portanto, as temáticas como o amor, a saudade,

⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=flfKzhR604M> – consultado em 15/07/2013

a beleza da mulher, o contato com a natureza, a ida à fonte... continuam nas formas poéticas mais frequentes da poesia palaciana do século anterior: os vilancetes, as cantigas, as esparsas, e as trovas.

Em síntese, os alunos guardarão no *E-Portefólio* o esquema:

APRENDER

Corrente Tradicional – Redondilhas

(...) a estrutura mais usual – de inspiração castelhana, e com raízes, ao que parece, no folclore castelhano – consiste na glosa, volta, ou desenvolvimento, de um mote colocado à cabeça da poesia e repetível como refrão. Conforme a maneira de encadear o mote e as voltas, assim se distinguem diversas formas métricas: o vilancete compõe-se de um mote de dois ou três versos e de uma volta de sete, sendo o último a repetição, com ou sem variantes, do verso final do mote; a cantiga, de tom mais grave e convencional, consta de um mote de quatro ou cinco versos e de uma glosa de oito, nove ou dez, com a mesma repetição parcial ou total do mote no final da glosa; outro género corrente oferece, em lugar de uma só volta (ou uma só estrofe de glosa), várias voltas, no final das quais se repete o mote com mais ou menos variantes. São cultivados outros géneros mais livres, como a esparsa, composição de uma estrofe só que varia entre oito, nove e dez versos, e as composições sem número determinado de estrofes. Este conjunto de formas versificatórias com preferência pela redondilha constitui aquilo que no século XVI se chamará a «medida velha», contraposta ao «estilo novo», de inspiração italiana, que virá a ser consagrado entre nós por Sá de Miranda.

António José Saraiva e Oscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora

Quadro-síntese	
Corrente tradicional e popular	
Formas	Cantigas; vilancetes; esparsas; trovas
Métrica	Medida velha Redondilhas: menor (5 sílabas métricas) maior (7 sílabas métricas)
Temas	Amor; saudade; insatisfação; incorrespondência; incompreensão; desconcerto do mundo.
Figuras de estilo / / linguagem	Expressão requintada; jogos de palavras, de conceitos, trocadilhos, metáforas, hipérbolos, personificações.
Influências	Cancioneiros trovadorescos; <i>Cancioneiro Geral</i> , Dante e Petrarca (prenúncio do Renascimento).

Figura 26, Corrente tradicional em Camões (Martins, 2010:136)

b) Influência clássica renascentista na lírica camoniana

Camões é um poeta do renascimento em que a grande parte da sua obra segue, precisamente, uma estética de imitação, que procura identificar-se com um modelo, aceitando regras e convenções estabelecidas. Assim, o modelo da poesia lírica

renascentista é Petrarca, poeta italiano do século XIV que cantou o amor-paixão, o Amor ideal, concebido como uma contemplação espiritual que exclui a sensualidade e em que a mulher amada é, também ela, a representação de um ideal de beleza e perfeição.

Deste modo, Camões surge com uma poesia cujos modelos formais e temática ("medida nova") revelam a cultura humanística e clássica do autor, que soube encontrar em Platão, Petrarca ou Dante um mentor ou um mestre para o caminho que trilhou e explorou com sabedoria, com entusiasmo e com a paixão do seu temperamento.

Cantando o amor sublime ou a relação mais fútil, o poeta soube, como poucos, definir-se e definir a alma humana, oferecendo-nos a sua experiência de vida ou o mundo no seu desconcerto, com os seus problemas sociais e morais e a eterna questão do mal que aflige a Humanidade. Os temas da sua lírica são vastos e variados, indo da análise da sua vida interior à caracterização da realidade do seu tempo ou à busca do dimensionamento do homem universal.

A sua poesia é reveladora não só da influência clássica e renascentista, bem como das novas ideias trazidas, de Itália, por Sá de Miranda e António Ferreira, em que a composição poética o soneto – *medida nova*, constituído por duas quadras e dois tercetos, com metro decassilábico, permite o tratamento de novos temas, a colocação do ser humano no centro de todas as preocupações, para o que contribuiu a situação de conhecimento de novos mundos, fruto do empreendimento levado a cabo pelos portugueses através dos descobrimentos.

Assim, o tratamento de certos temas como o Amor platónico, a saudade, o destino, a beleza suprema, a mudança, o desconcerto do mundo, o elogio dos heróis, os ensinamentos morais, sociais e filosóficos, a mulher vista à luz do petrarquismo e do dantismo, a sensualidade, a experiência da vida configuram uma nova visão da lírica

Os alunos, entre outros apontamentos e os textos de apoio de cada manual, guardam no seu *E-Portefólio* o esquema que o professor partilhou no *Moodle*.

APRENDER

Corrente Clássica – Sonetos

O soneto é uma forma poética introduzida em Portugal no século XVI por Sá de Miranda, por influência italiana (Petrarca).

É uma forma fixa de 14 versos decassilábicos, distribuídos por duas quadras e dois tercetos (o modelo inglês tem três quadras e um dístico).

O soneto italiano apresenta como rima mais frequente: ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Nas quadras pode aparecer a rima ABAB e os tercetos podem seguir também os esquemas: CDE / CDE; CCD / EED ou CDC / EDE.

O soneto adquiriu celebridade com Camões no século XVI. A partir desta época, foi usado em diversos estilos e tendências literárias. Foi também engenhosamente elaborado por Bocage e por Antero de Quental.

Formas	Soneto; canção; ode; elegia; élogia
Métrica	Verso decassilábico (predominante) medida nova
Temas	Amor, mulher; vivências pessoais; autobiografia; reflexão sobre a vida; inconformismo; busca do sentido da existência; mudança
Figuras de estilo / linguagem	Linguagem engenhosa; paradoxos, metáforas; hipérboles; personificações; antíteses; enumerações
Influências	Poesia clássica: Virgílio; Ovídio; Horácio Renascimento italiano: Petrarca

Figura 27, Corrente clássica em Camões (Martins, 2010:147)

No tratamento desta unidade, em sala de aula, os alunos começarão por visualizar o documentário exibido a propósito dos grandes portugueses, já referenciado, tirando alguma notas no caderno diário e no final responderão a uma ficha de escolha múltipla ou verdadeiro/falso sobre o documentário. Serão trabalhados os textos de apoio, quer sobre o renascimento, quer sobre o autor. O professor projetará vários *powerpoint* que sintetizam todos estes conteúdos. De seguida, lerão e interpretarão alguns poemas da medida velha e medida nova, realizando os questionários que os acompanham no manual. Muitos destes poemas encontram-se musicados, pelo que o professor pode exibir, também, esse registo áudio.

Vertente tradicional – *medida velha*:

- “Descalça vai pera a fonte”;
- “Se Helena apartar”;
- “Endechas a Bárbara escrava”;
- “Ao desconcerto do mundo”.

Vertente renascentista – *medida nova*:

- “Um mover de olhos brando e piadoso”;
- “Ondados fios de ouro reluzente.”;
- “Sete anos de pastor Jacob servia”;
- “Amor é um fogo que arde sem se ver,”;
- “Oh! Como se me alonga de ano em ano”;
- “Erros meus, má fortuna, amor ardente”;
- “O dia em que nasci moura e pereça”;

Por fim, os alunos realizarão vários trabalhos em computador, sobre a vida e obra de Camões e esquematizarão a análise de um poema indicado pelo professor, associando-lhe um registo áudio e visual, construindo um *powerpoint* com a análise. Todos estes documentos integrarão o *E-Portefólio*, que para além da apresentação oral em sala de aula também serão avaliados naquele registo.

2.2.2. Poetas do século XX

A unidade de poesia a lecionar no 10º ano prevê o estudo de poetas da literatura portuguesa e literaturas de língua portuguesa, destacando em diferentes poemas o ritmo, a sonoridade e os elementos estruturadores de sentido.

A proposta de análise poderá ser a que se segue, ficando, também uma proposta para o poema “Confiança” de Miguel Torga.

1. “Confiança” – Miguel Torga, *Cântico do Homem*
2. “Ser poeta é ser mais alto, é ser maior” – Florbela Espanca, *Charneca em Flor*, 1930;
3. “Quase” – Mário de Sá Carneiro, *Dispersão*, 13 de Maio de 1913;
4. “Cântico negro” – José Régio, *Poemas de Deus e do Diabo*, 1925;
5. “Sísifo” – Miguel Torga, *Diário*, XIII, 27.12.77;
6. “Ariane” – Miguel Torga, *Diário I*, 1941;
7. “A concha” – Vitorino Nemésio, *O Bicho Harmonioso*, 1938;

8. “Entrei no Café com um rio na algibeira” – José Gomes Ferreira, *Poesia III*, 1961;
9. “Pedra Filosofal” – António Gedeão, *Movimento Perpétuo*, 1956;
10. “Queixa das almas jovens censuradas”, Natália Correia, *Dimensão Encontrada*, 1957;
11. “História de Cão” – Mário Cesariny de Vasconcelos, *Manual da Prestidigitação*, 1956;
12. “Há palavras que nos beijam” – Alexandre O’Neill, *No Reino da Dinamarca*, 1958;
13. “Portugal em Paris” – Manuel Alegre, *O Canto e as Armas*, 1967;
14. “Para atravessar contigo o deserto do mundo” – Sophia de Mello Breyner Andresen, *Livro Sexto*, 1962;
15. “Retrato de uma princesa desconhecida” – Sophia de Mello Breyner Andresen, *Dual*, 1972;
16. “Urgentemente” – Eugénio de Andrade, *Até Amanhã*, 1956;
17. “Poema XXIX” – Eugénio de Andrade, *As Mãos e os Frutos*”, 1948
18. “Adeus” – Eugénio de Andrade, *Os Amantes sem Dinheiro*, 1950;
19. “O funcionário cansado” – António Ramos Rosa, *Viagem Através de Uma Nebulosa*, 1960;
20. “E tudo era possível” – Ruy Belo, *Homem de Palavra(s)*, 1970;
21. “E por vezes” – David Mourão Ferreira, *Matura Idade*, 1972;

2.2.2.1. Proposta de trabalho em torno de um poema de Miguel Torga:

“Confiança”

O que é bonito neste mundo, e anima,

É ver que na vindima

De cada sonho

Fica a cepa a sonhar outra aventura...

E que a doçura

Que se não prova

Se transfigura

**Numa doçura
Muito mais pura
E muito mais nova...**

(Miguel Torga, *Cântico do Homem*)

A proposta de análise, para este poema, passará, pelos seguintes passos:

1. Perfil biográfico e literário do poeta;

As informações que se seguem devem ser a súmula do diálogo que o professor estabelecerá com os alunos, de modo a sintetizar o que cada um deles já conhece de anos interiores.

Miguel Torga, pseudónimo literário por que é conhecido o médico Adolfo Correia da Rocha, nasceu em S. Martinho de Anta (Trás-os-Montes) em 1907. Foi para o Brasil com 13 anos. Voltando à Pátria em 1925, continuou estudos feitos anteriormente e ingressou na Universidade de Coimbra, onde em 1933 se formou em Medicina.

Temperamento independente como o de um montanhês trabalhou incansavelmente nas letras, esteve de início literariamente próximo do grupo da *Presença*, sediado em Coimbra. Por volta de 1930, estava já afastado do grupo, fundando a revista *Sinal*. Funda pouco depois a revista *Manifesto*. Começou a ser conhecido como poeta, tendo mais tarde ganho notoriedade com os seus contos ruralistas e os seus dezasseis volumes de *Diário*, estes publicados entre 1941-1995. Várias vezes nomeado para o Prémio Nobel da Literatura, tornou-se um dos mais conhecidos autores portugueses do século XX.

A opção pelo pseudónimo Miguel Torga deve-se, o primeiro à aproximação de nomes como Cervantes e Unamuno, apontando, deste modo, para uma abertura do transmontano a horizontes ibéricos e mesmo universais; o segundo, Torga, denuncia a vinculação do artista à raiz telúrica original, “Torga” é a designação regional (transmontana) da «urze».

Faleceu em 17 de janeiro de 1995, em Coimbra.

É vastíssima a produção literária de Miguel Torga. As várias obras em poesia, teatro, ficção narrativa, Literatura de viagens e circunstância e, o «Diário», este como uma das obras mais pessoais e onde se encontram amostras de todos os géneros

literários fazem do poeta uma figura incontornável no panorama literário do Portugal do século XX.

2. Leitura e interpretação do(s) sentido(s).

Após a leitura em silêncio do poema, far-se-á a leitura expressiva e, conseqüentemente a exploração do mesmo. Assim, começaria por explorar o título “Confiança”, considerando o sentido direto do termo “segurança íntima ou convicção do próprio valor”, “segurança de alguém que crê em alguém ou alguma coisa, certeza”. De seguida, e partindo das diferentes propostas dos alunos, explorar-se-á o sentido metafórico da linguagem, cujo propósito é a renovação cada vez mais apetitosa dos anseios não realizados ou fracassados. O sujeito poético realça a perspectiva terrena do que cada um de nós vive ou consegue viver, tudo isso é algo que se constrói no dia a dia, portanto, “anima”, capaz de proporcionar alegrias não só exteriores, mas dentro de cada um de nós, no espírito, na alma, porque tudo em nosso redor é fantástico, basta saber aproveitá-lo. Para tal aponta o termo “vindima”, ato de colher, fruto do trabalho árduo de toda uma época, que não se esgota. De facto, o “eu” salienta que o ato de colher será ininterrupto, cada ano o agricultor tudo fará para obter melhores frutos. De cada sonho realizado nascerá novo desafio “de cada sonho / fica a cepa a sonhar outra aventura...”. O poeta aponta o óbvio, de forma metafórica, a vida é feita de coisas boas e menos boas, cabe, por isso, a cada um lutar por atingir os objetivos, que nem sempre são concretizados na plenitude - “a doçura / que se não prova”, por isso a necessidade de retomar, cada vez com mais convicção, como uma espécie de metamorfose, o espírito, a força que existe dentro de cada um, e quando “se transfigura” estará preparada para novos desafios, novas procuras e portanto novos prémios “doçura / muito mais pura / e muito mais nova...”. A capacidade de querer deve ser sobreposta à do ter. Do homem emana essa energia, é em torno dele que se vencerão todas as fronteiras.

2) Linhas temáticas da obra de Miguel Torga e respetiva confirmação através do poema:

Em Miguel Torga encontramos as grandes agonias humanas, o desespero face a um mundo suspenso dos grandes poderes e da sua impensável capacidade de destruição, por outro lado ostenta a esperança, inscrita em muitos dos seu poemas e que refletem as dificuldades das décadas de 30/40/50 em Portugal, daí que a sua revolta para com Deus

seja evidente. A problemática religiosa é, também, uma constante nas diferentes obras. De facto, Torga parte da sua experiência humana, do desastre dela, e aí se firma para questionar Deus, revelando-se desencantado com a transcendência, afasta-se cada vez mais da esfera divina e volta-se para si próprio. Torga é um rebelde, em que valores como a liberdade e a esperança tornam-no um humanista convicto.

O poeta acredita na força da terra, é ela que o alenta a viver ao ponto de afirmar “...chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou nevoeiro” (*Diário II*, 1943) é o sentimento telúrico a dominar o poeta.

Assim, no poema “Confiança”, torna-se visível não só o sentimento de esperança, como também a forte ligação que o poeta tem para com a terra, uma espécie de solidariedade do poeta com o mundo.

3) Análise formal / estilística:

O poema é constituído por uma só estrofe, com número irregular de sílabas métricas que vai desde as 4 sílabas, no 3º, 5º, 6º, 7º,8º e 9º versos, até às 11 sílabas no primeiro, 10, no 4º, 6 no 2º e 5 no último. Também em relação à rima, o esquema não é rígido, apresenta rimas emparelhadas, interpoladas e até um verso solto (o 3º), de acordo com o esquema – aabccdccd. O poema é melódico. Para tal também contribuem as aliterações e os sons nasais.

Ao nível morfo-sintático o poeta utiliza o presente do indicativo (“é”, “fica”, “prova”, “transfigura”), realça a importância da situação presente e, ao mesmo tempo, confere-lhe intemporalidade, uma espécie de verdade axiomática na definição que procura dar de “confiança”, contribui, para isso a utilização do nome.

Em relação à pontuação, o poeta apenas utiliza as reticências no 4º e último versos, transmite com isto a possibilidade que cada um de nós acalenta e que é inesgotável.

Ao nível semântico, predomina a metáfora, como foi explorada no ponto 2.

3. Contos (autores do século XX)

O conto é um dos géneros literários mais antigos. Foi um género comum e bastante popular em Portugal durante os séculos XVII e XVIII, em que Gonçalo Fernandes Trancoso é o seu primeiro cultor e tinha como principal preocupação impor um ensinamento ou transmitir um princípio moralizante.

No século XIX permanece, ainda, a tendência para a forma narrativa que se cinge à realidade, quer esta seja histórica (de acontecimentos do passado) quer seja do domínio da experiência do próprio autor que a escreve.

É durante o século XIX que o conto se vai definindo como um episódio vivido, onde se espelha um relato de um qualquer *caso* singular, onde o autor interveio ou de que teve conhecimento e que se apresenta literariamente concebido como uma espécie de romance curto.

Este critério de limitação de tamanho e de relação com o real tornou o conto um género fácil e apetecível para a maioria dos escritores.

Entretanto, nomes como Eça de Queirós (1845-1900) e Fialho de Almeida (1857-1911) deram ao conto uma nova vida e uma plena renovação que ele até então não tinha experimentado, dando, assim, a este género, anteriormente considerado como secundário, uma autonomia literária que se vê enriquecida e confirmada no século XX, com nomes como Carlos Malheiro Dias (1875-1941), Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), Aquilino Ribeiro (1885-1963) e Raúl Brandão (1867-1930), entre muitos outros que experimentaram este tão apreciado género literário.

Em Portugal, o conto foi adotado como género maior por muitos autores portugueses, pois, servia na perfeição os intentos destes escritores por relacionar-se tão perfeitamente com o temperamento português, isto é, por permitir, numa forma rápida (narrativa curta), expressar prontamente todas as emoções e sentimentos.

Ainda hoje assim se mantém: com cultores de todas as idades, ligações literárias, estéticas e ideológicas, o conto continua a ser um dos géneros prediletos, capaz de reclamar estatuto privilegiado em nomes de autores como José Rodrigues Miguéis, Domingos Monteiro, Irene Lisboa, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues e David Mourão-Ferreira, entre outros.

Esta sequência de aprendizagem no 10º ano tem como principal função motivar os alunos para a leitura e respetiva análise de obras maiores nos anos seguintes, no 11º ano um romance de Eça de Queirós e no 12º um romance de Saramago. Assim, e uma

vez que as categorias do texto narrativo surgem no conto de forma muito concisa, pois o conto tende a ser uma narrativa de curta extensão, caracterizada por um enredo simples, unidade de ação, pouca diversidade espacial, concentração temporal, reduzido número de personagens, presença de diálogo, narração e escassa descrição, logo os alunos tendem a envolver-se com algum entusiasmo aquando da abordagem do conto.

A apresentação de um esquema para orientar a abordagem do conto em sala de aula, documento que os alunos guardarão no seu *E-Portefólio*.

APRENDER

Acção


ACÇÃO: conjunto de acontecimentos que têm o seu desenrolar num espaço ou em diferentes espaços e num tempo mais ou menos extenso.

ACÇÃO PRINCIPAL: conjunto de sequências narrativas que detêm maior relevo em determinado universo narrativo.


ACÇÃO SECUNDÁRIA: conjunto de sequências narrativas que detêm menor relevo em determinado universo narrativo (o seu relevo é sempre determinado em função da acção principal).

ESTRUTURA DA ACÇÃO: a acção é constituída por sequências narrativas que se articulam por:

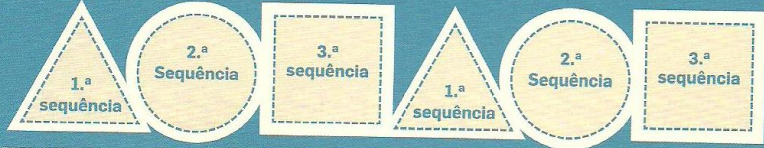
- Encadeamento ou ordem cronológica – de acordo com o seguinte esquema:



- Encaixe – uma ou mais sequências narrativas encaixam numa outra, que estava a ser narrada e que depois se retoma, de acordo com o seguinte esquema:



- Alternância – as diferentes histórias ou sequências vão sendo narradas alternadamente, de acordo com o seguinte modelo:



Espaço

ESPAÇO FÍSICO: espaço real que serve de cenário ao desenrolar da acção.

ESPAÇO SOCIAL: ambiente social onde se movimentam as personagens, particularmente os figurantes.

ESPAÇO PSICOLÓGICO: espaço perspectivado pelas vivências íntimas das personagens, por pensamentos, por sonhos, etc.

Tempo

TEMPO HISTÓRICO: época ou momento histórico em que a acção se desenrola.

TEMPO CRONOLÓGICO: sucessão dos acontecimentos narrados por ordem cronológica.

TEMPO DO DISCURSO: tempo organizado pelo narrador.

- O narrador pode narrar os acontecimentos por ordem linear ou com recuos (analepse) ou, ainda, com antecipações de carácter temporal (prolepse).
- O narrador também pode narrar ao ritmo dos acontecimentos (isocronia), resumindo-os (resumo ou sumário), omitindo factos (elipse) ou fazendo momentos de pausa para descrição ou divagação (catálise).

TEMPO PSICOLÓGICO: é um tempo subjectivo, filtrado pelas emoções das personagens.

Personagens

RELEVO: quanto ao relevo, as personagens podem ser:

- **Protagonistas, personagens principais ou heróis:** são as personagens que desempenham os papéis mais importantes no desenvolvimento da acção.
- **Personagens secundárias:** são as que assumem papéis de menor relevo.
- **Figurantes:** são as personagens sem relevo que ilustram um espaço socioeconómico.

COMPOSIÇÃO: quanto à composição, as personagens podem ser:

- **Modeladas ou redondas:** dotadas de densidade ou complexidade psicológica, capazes de alterar os seus comportamentos com o desenrolar dos acontecimentos.
- **Planas:** sem densidade psicológica, assumindo sempre comportamentos previsíveis ao longo do desenrolar da história.
- **Personagens-tipo:** representantes de uma camada ou grupo social, sendo-lhes atribuídas as qualidades e/ou os defeitos dessa classe ou grupo.
- **Personagens colectivas:** conjunto de indivíduos que actuam em grupo.

CHARACTERIZAÇÃO: a caracterização de personagens pode ser feita de forma:

- **Directa:** as características são apresentadas pela própria personagem (autocaracterização) e/ou pelo narrador e/ou por outras personagens (heterocaracterização).
- **Indirecta:** apresentação de características através de atitudes, comportamentos e acções que podem ser depreendidas pelo leitor.

Narrador

PRESENÇA: quanto à presença, o narrador pode classificar-se:

- **Não participante ou heterodiegético:** se não participa na acção e narra os acontecimentos na 3.^a pessoa.
- **Participante:** se participa na acção e narra os acontecimentos na 1.^a pessoa. Se participa na acção como personagem principal, designa-se autodiegético; se participa como personagem secundária, designa-se homodiegético.

CIÊNCIA: quanto à ciência, a focalização do narrador pode ser:

- **Focalização omnisciente:** quando este se coloca numa posição de transcendência, conhecendo mesmo o que se passa no íntimo das personagens.
- **Focalização interna:** o narrador adopta o ponto de vista de uma ou mais personagens.
- **Focalização externa:** o ponto de vista do narrador limita-se ao que é observável exteriormente.

POSIÇÃO: a posição que o narrador assume face ao universo narrado pode ser:

- **Objectiva:** não emite juízos de valor.
- **Subjectiva:** emite juízos de valor.

Narratário

NARRATÁRIO: é a entidade a quem o narrador se dirige de uma forma explícita ou não.

Modos de Expressão

DIÁLOGO: forma de comunicação verbal em que o locutor e o interlocutor alternam de posições discursivas.

MONÓLOGO: forma de comunicação em que o locutor é também o interlocutor (fala de si para si).

Modos de Representação

NARRAÇÃO: momentos de progressão da acção em que se faz relato de acontecimentos.

DESCRIÇÃO: momentos de pausa na narrativa em que o narrador dá (descreve) informações sobre personagens, objectos ou espaços.

Figura 28, Categorias da narrativa, modos de expressão e de representação (Martins,

2010:303-304)

O trabalho de aula envolverá os alunos na leitura e interpretação de dois contos, que estejam na íntegra no manual adotado, sendo que um deve ser da literatura portuguesa/de língua portuguesa e outro da literatura universal. Apresento as propostas de dois manuais aqui várias vezes referidos. Assim, no manual *Plural 10º ano*, surgem as seguintes propostas:

- a. “O retrato” – Manuel da Fonseca (2011), *O Fogo e as Cinzas*, Editorial Caminho
- b. “Aquele azul” – Maria Judite de Carvalho (1983), *Além do Quadro*, Ed. O Jornal;
- c. “O menino que escrevia versos” – Mia Couto (2004) *O Fio das Missangas*, Editorial Caminho;
- d. “O verdadeiro Amor” – Isaac Asimov, *Robot Completo*, Ed. Europa-América.

E no manual *Página Seguinte 10º ano*:

- a) “Os namorados de Amância” – José Régio, *Contos*, Publicações Europa-América;
- b) “Regressos” – Mário Henrique Leiria (1973), *Novos Contos do Gin*, Lisboa: Editorial Estampa;
- c) “Florença-a-Flor-que-Pensa” – Jacinto Lucas Pires (2008), *Assobiar em Público*, Lisboa: Edições Cotovia;
- d) “O Homem da Rua” – Mia Couto (2002), *Contos do Nascer da Terra*, Editorial Caminho;
- e) “O pequeno Heidelberg” – Isabel Allende (1989), *Contos de Eva Luna*, Lisboa: Difel.

Todas estas propostas vêm acompanhadas de diferentes possibilidades de exploração, desde o registo áudio da leitura do conto, a sugestões de atividades com vários questionários ou sugestões de ligação a sítios da internet.

A minha proposta para complementar o estudo do conto passa pela leitura recreativa – cumprindo num dos períodos o contrato de leitura – em que cada aluno lê um conto e elabora a respetiva ficha de leitura, trabalhando em concreto uma das categorias da narrativa. De seguida, apresenta-o à turma que, após avaliação dos colegas e professor, escolherão quatro contos para realizar um trabalho de grupo, agora com uma análise pormenorizada envolvendo as tecnologias para a apresentação.

Capítulo V – Conclusão

As TIC, pela sua transversalidade, são, hoje, utilizadas em todas as áreas disciplinares e não disciplinares dado o seu carácter instrumental. Na disciplina de português são, de facto, uma mais-valia, pois motivam os alunos nas diferentes propostas a realizar dentro e fora da sala de aula. Desde a possibilidade de ouvir excertos de textos, visualizar documentários e vídeos alusivos aos conteúdos em análise, pela facilidade com que permitem organizar e tratar a informação, permitindo a reescrita e compará-la com outras propostas, ajudam a que os nossos alunos sintam mais entusiasmo pelo ensino e força para ultrapassar as dificuldades.

O desempenho do professor torna-se, por isso, cada vez mais exigente, pois concorre em circunstâncias iguais com os alunos na busca da informação, pelo que o bom uso e aplicação da mesma constituirão a grande diferença, alargando as áreas de interesse de cada um dos seus discentes. A formação ao longo da vida, o desejo em querer mais e melhor para si e para aqueles que serve, devem ser objetivos primordiais no dia a dia do professor. Este, enfrenta, contudo, alguns problemas que o uso das tecnologias implica, desde as máquinas – computador, quadro interativo – que rapidamente se tornam obsoletos e deixam de funcionar sistematicamente, bem como o grande aumento do número de alunos por turma e, mesmo, o número de horas que o professor está envolvido noutras tarefas burocráticas da escola. Para além disso, temos ainda muitos alunos que não possuem meios adequados para trabalharem de forma autónoma, sobretudo em casa, seja pela falta de computador, ou ligação insuficiente à Internet. É claro que na sala de aula é difícil o manuseio individual do computador, pois as salas com essa capacidade são muito poucas, e o quadro interativo, para além da simples funcionalidade de projecção, a utilização na sua plenitude e de forma a substituir o vulgar quadro preto de giz requer dedicação e disponibilização de outros materiais que as editoras ainda não disponibilizam em quantidade suficiente e, portanto, o professor nem sempre consegue elaborar em tempo oportuno, ou de forma sistemática para todas as aulas.

Importa ainda considerar se a utilização das tecnologias devem ser massificadas. Em meu entender, não. As TIC ajudam, de facto, a motivar e a cativar os alunos, mas, na aula, devem ser um complemento, pois os alunos continuam a prestar provas nos formatos tradicionais, papel e caneta, daí que a utilização do manual, o fazer anotações nas margens dos textos, utilizar o caderno diário e resolver aí os questionários ou

produzir textos de acordo com as indicações do professor, é algo que não deve ser descurado.

Com este trabalho pretendia-se conhecer alguns aspetos relacionados com as TIC e a sua utilização na sala de aula como contributo para uma abordagem ao programa de Português no 10º ano de escolaridade, tal situação só é justificável porque constitui uma melhoria das aprendizagens e também porque aproxima a escola a todos os discentes. Para além disso, a relação professor/aluno melhora, pois dominam a mesma linguagem, a linguagem das tecnologias. Os alunos ficam bem mais agradados quando verificam que os seus interesses são do conhecimento do professor, o que também contribui para todo o processo de ensino-aprendizagem e para a aproximação entre ambos e consequentemente da escola aos alunos.

Por fim, em meu entender, é importante trabalhar de forma homogénea a compreensão/expressão oral e escrita, a leitura e o funcionamento da língua, independentemente do programa de Português a ministrar, cabendo ao professor conjugar as ferramentas de trabalho, as tradicionais (manual, caderno, lápis...) e os recursos TIC (*E-Portfolio, moodle, email, word, powerpoint, internet, blogue, movie maker, audacity, media player, hotpotatoes, webquests*) sempre em prol do sucesso educativo dos alunos.

Referências bibliográficas

BARREIROS, António José (1987) *História da Literatura Portuguesa*, Braga: Editora Pax. Volume I e II

BELL, Mary Ann (2002) “Usar um quadro interativo, porque?” Disponível em <http://teachers.net/gazette/JAN02/mabell.html> (consultado em 05 de Julho de 2013)

CASTELLS, M. (2004). *A Galáxia Internet. Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CAMÕES, Luís (1981) *Lírica, Obras Completas*, Volume 3, Lisboa: Círculo de Leitores

COELHO, José Dias (presidente) (1997), *Livro verde para a sociedade da informação*, (1997), Edição: Missão para a sociedade de informação / Min. Da Ciência e Tecnologia, disponível em <http://www2.ufp.pt/~lmbg/formacao/lvfinal.pdf>

CRUZ, S. & Carvalho, A. A. A., (2009). “O modelo ITIC: uma estratégia pedagógica para o ensino-aprendizagem na escolaridade básica”. In M. C. Gomes et al., ed. lit. – “Simpósio Internacional de Informática Educativa (SIIE2009), 11, Coimbra, Portugal, 2009”. Consultado a 25 de Janeiro de 2014 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10000>

CUNHA, C. & Cintra L. F. L. (1986). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sá da Costa.

Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-07-03].

Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt>

JONASSEN, David H., (2007) *Computadores, Ferramentas Cognitivas -Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*, Coleção: CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - SÉCULO XXI, Porto: Porto Editora,

JÚDICE, Nuno, (2000) *Relâmpago*, n.º 6, Abril, “Falar de poesia?, uma certa perspetiva ou a sonda no espaço extraceleste” Revista de Poesia, Fundação Luís Miguel Nava, Lisboa,

LEMOS, Maria Sílvia Ferreira Dias Correia Moniz (2011), *A utilização das TIC em sala de aula : contributo para melhorar a motivação dos alunos*, Repositório institucional da Universidade Católica, disponível em :
<http://hdl.handle.net/10400.14/8243>, consultado em 15/02/2014

MARQUES, R. et al. (1998). “Os desafios da sociedade de informação”. *Na sociedade da informação – o que aprender na escola?* (2.ª ed.), Porto: Edições ASA. pp. 11-32.

MATOS, Maria Vitalina Leal de (1981) *A Lírica de Luís de Camões*. Lisboa: Seara Nova, Editorial Comunicação

Ministério da Educação, *Plano Tecnológico da Educação*, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. Ministério da Educação, Editorial do Ministério da Educação, Lisboa, 2008

MIRANDA, G. L. (2007). “Limites e possibilidades das TIC na educação”. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 03, pp. 41-50. Disponível em <http://sisifo.fpce.ul.pt> (Consultado a 10 de Outubro de 2013)

OKADA, S. (2009). “A intermediação pedagógica múltipla no universo das TIC e Moodle”. In L. Alves, D. Barros & A. Okada (org.). *Moodle: estratégias pedagógicas e estudos de caso*. Salvador: EDUNEB

PAPERT, S. (1993). *The Children Machine. Rethinking School in the Age of the Computer*. New York: Basis Books.

PERRENOUD, Philippe (2000) *Dez novas competências para ensinar*, Porto Alegre (Brasil): Artmed Editora

PINTO, M. L. S. (2002). *Práticas educativas numa sociedade global*. Porto: Edições ASA.

PONTE, J. P. (1997). *As Novas Tecnologias e a Educação*. Lisboa: Texto Editora.

REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. (2011) *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina

ROCHA, C. (1992). *Máscaras de Narciso-Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina.

SHAW, H. (1982). *Dicionário de Termos Literários*. Lisboa: D. Quixote.

SARAIVA, A.J., LOPES, Óscar, (2010) *História da Literatura Portuguesa*. 17 ed., Porto: Porto Editora

SEIXAS, João, *et alii*, (2001). *Programa de Português 10º, 11º e 12º ano, Curso Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (2009) *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Coimbra: Livraria Almedina

SILVA, Vítor Aguiar e (2010) – “Os programas de literatura portuguesa no ensino secundário”. *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, pp. 259-270.

SILVA, Vítor Aguiar e (2010) – “Teses sobre o ensino do texto literário na aula de português”. *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*, Coimbra: Almedina. pp. 207-216.

TAVARES, Clara Ferrão e Barbeiro, Luís Filipe (2011), *As Implicações das TIC no Ensino da Língua*, Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

VALENTE, L., Moreira, P. & Dias, P. (2009). “Moodle: moda, mania ou inovação na formação?” In L. Alves, D. Barros & A. Okada (org.). Moodle: estratégias pedagógicas e estudos de caso. Salvador: EDUNEB.

VARGA, A. K. (1981). *Teoria da Literatura*. Lisboa: Editorial Presença.

VILAS-BOAS, A. J. (2001). *Ensinar e Aprender a Escrever – por uma prática diferente*. Porto: Edições Asa.

Manuais escolares

CARDOSO, Ana Maria; Peixoto, Maria José; Oliveira, Vítor, (2010) *Com Textos, Ensino Secundário, 10º ano de Escolaridade*, Lisboa: Edições Asa II, S.A.

FERREIRA, Idalina; Silvano, Purificação e Rodrigues, Sónia Valente (2010) *Português +, Português, 10º ano, Ensino Secundário*, Porto: Areal Editores, S.A. 2010

MAGALHÃES, Olga e Costa, Fernanda, (2010) *Entre Margens, Português 10º ano*, Porto: Porto editora

MARTINS, Filomena; Moura, Graça, (2010) *Página Seguinte, Português 10º ano*, Lisboa: Texto Editores, Lda.

PINTO, Alexandre Dias; Miranda, Carlota e Nunes, Patrícia, (2010) *Português 10º ano, Projeto Desafios*, Lisboa: Santillana Constância

PINTO, Elisa Costa; Fonseca, Paula; Baptista, Vera Saraiva (2010) *Plural 10, Português, Cursos Científico-Humanísticos, 10º ano, Ensino Secundário*, Lisboa: Lisboa Editora, S.A.,

SILVA, Pedro; Cardoso, Elsa; Mendes, Rita; Costa, Sónia; Correia, Rita (2010) *Expressões, Português 10º ano*, Porto: Porto Editora, 2010

TRINDADE, Brígida; Duarte, Cristina; Rodrigues, Fátima; Lemos, Lúcia; Dine, Madalena, (2010) *Português dez, Português, Cursos Científico-Humanísticos, 10º ano / Ensino secundário*, Lisboa: Lisboa Editora S.A.